

Blumenau em Cadernos

TOMO XXXIV

Maio de 1993

Nº. 5

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breilkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
Família Atilio Zonta
Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIV

Maio de 1993

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

História da Imigração da Família Tönjes ao Brasil — Werner Henrique Tönjes	146
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar — Pe. Antônio Francisco Bohn	151
Ao Redor do Dr. Blumenau (XII) — Theobaldo Costa Jamundá	153
Subsídios Históricos — Coordenação e Tradução — Rosa Herkenhoff	156
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	157
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta	159
Cartas	162
Hermelino Jorge de Linhares — Antônio Roberto Nascimento	163
Ensino Público e Particular em Blumenau — W. J. Wandall	168
A Família Wemhuth — Nelson V. Pamplona	171
Aconteceu — mês de abril de 1993	178

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 100.000,00

Número avulso Cr\$ 15.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 200.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Foto: Prédio atual da Prefeitura, construído no governo Renato Vianna (1978/82), que após 11 anos retorna ao poder municipal, usufruindo da obra que construiu, reconduzido pela força do voto dos eleitores blumenauenses.

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

História da Imigração da Família Tönjes ao Brasil

Naquela tarde fria de inverno de 1924 em Fedderwarden, Werner Henrique Tönjes escreveu:

Como todos os anos, as carroças puxadas por cavalos transportavam as árvores de natal do interior da Alemanha para o mercado da feira livre das cidades maiores. As árvores eram postas em exposição no grande pátio da feira para que o público natalino as comprasse. O dia no inverno alemão, é cinzento; o sol não aparece e o vento gelado do Mar do Norte começa a ser percebido e todos procuram agasalhar-se bem para a nova estação. A luminosidade do dia pouco varia durante o mesmo. O pinheiro que enfeitaria a nossa ceia de natal foi transportado e posto na sala de visitas da nossa mansão, na Holtermannstrasse 52, ele era lindo. No dia de natal todos estavam alegres. Também o meu sonho se concretizara: O cavalinho de madeira que tanto almejava havia sido dado de presente. Depois, todo ano, o cavalinho sumia e reaparecia no Natal. Como não teria custado caro? Na cozinha a sobremesa especial preparada pela minha mãe (Ana Tönjes) feito de maçãs assadas enchia com o seu delicioso aroma a sala, dando a característica anunciante de festa natalina. Olhando pela janela eu via os flocos de neve caindo suavemente na calçada. Recordo-me perfeitamente destas e de outras inesquecíveis noites natalinas alemãs.

A cidade de Wilhemshaven era o meu torrão natal, e ficava situado às margens do Mar do Norte banhado pelo rio Jade. É uma cidade fundada pelo Imperador Guilherme e é base de submarinos e outras embarcações marítimas, que lá são construídas e reparadas. Há pântanos e longos diques, construídos por engenheiros holandeses. É região plana com pântanos. Quando da ampliação da

Prússia esta região chamada Frísia e que se situa no norte da Baixa Saxônia com a sua capital Hanover e tendo como condado Oldenburg foi o ênclave católico numa região completamente protestante a partir da reforma de Martinho Lutero e que, espontaneamente e com muitas festas integrou-se a Prússia, tornando-se o seu porto Ocidental. Os habitantes de Wilhemshaven que significa porto do Imperador Guilherme ganharam a cidadania Prussiana.

Assim os Frísios obtiveram o passaporte Prussiano. Em 1870 com a Unificação do Império Alemão sob Bismarck, a Prússia integrou-se com mais um estado dentro do Império Alemão. Após 1918 o Império Alemão transformou-se na república de Weimar, e em 1933 no 3º. Império (3º. REICH). Após 1945 República Federal da Alemanha. Em Wilhemshaven ainda se constróem os grandes navios, que mais tarde vão singrar todos os mares. Ao término de cada cruzeiro os marujos festejam a volta com grandes festas regadas com cerveja e vinho e outras bebidas alcoólicas. São nestes dias que esta cidade portuária vive o máximo de seu movimento comercial: todas as lojas e comércio em geral estão abertos, ainda mais os famosos cabarés e boates e bares.

O restaurante de propriedade de meu pai, havia se desenvolvido extraordinariamente. O lucro auferido pelos meus pais havia sido enorme, o dinheiro era guardado em latas de 20 litros, e me lembro que certa noite estando nós, quer dizer meu pai Heinrich, minha mãe Annchen, meu irmão Hans (Johannes) e eu, Heinrich Gerhardus estando nós sentados a mesa da refeição, assim falou meu pai:

"Conquistamos após árdua luta pela vida ótima posição. Vocês meus filhos não trabalharão mais tanto, e não terão esta vida de preocupações que eu tive". "Eure Eltern haben viel gearbeitet und fuer unser Leben u. Eurer ist gesorgt". Isto ele falou com os dedos cruzados apoiados em cima da mesa. Após tanto tempo havíamos conquistado uma fortuna preciosa. Diversas casas foram compradas e alugadas a fim de proporcionar uma boa renda mensal, e mudamos de nossa antiga casa na cidade. Neste tempo eu freqüentava o ginásio e quase diariamente tomava aulas de piano, por intermédio de um professor particular que nos visitava. Eu me acostumava todos os sábados a ir à praia ouvir os embates do Mar do Norte contra a muralha de pedras feita pela mão do homem. Um fato curioso guardo na memória, é um capricho da natureza que se repete indefinidamente. Nas marés baixas, em Wilhemshavem e outras cidades nortistas e costeiras costuma a água se retirar quilômetros para dentro do mar deixando uma lama de 15 centímetros de espessura, onde pulam siris e ostras. Um inexperiente visitante pode passar maus momentos, é que o mar inesperadamente retoma o terreno que havia deixado. Como que com medo que lhe roubassem as entranhas. Em 1924 o meu pai tinha uma imobiliária, ou talvez alguns anos antes, e começou a vender e comprar casas. Era a época em que a inflação estava aumentando. O nosso restaurante era na Bismarckstrasse. E a nossa mansão era na Holtermannstrasse nº. 52, quando em dada ocasião apareceu um grupo de norte americanos que na Alemanha toda já haviam comprado muitas propriedades, sendo o pagamento estipulado no contrato em prestações. Meu pai não tinha interesse em vender. Estes norte americanos insistiram e perguntaram quanto valia a propriedade se ele quisesse vender. O meu pai disse que a casa valia 120 mil marcos. E os judeus norte americanos ofereceram 150 mil. Vendo nesta oportunidade um bom negócio, e o

meu pai resolveu vender 3 ou 4 propriedades a este grupo capitalista internacional. A inflação desabou em cima de nossas cabeças, pelas propriedades vendidas meu pai recebeu um carrinho de mão deste de pedreiro, cheio de notas com as quais não se podia comprar um ovo de galinha. Naquela época um ovo de galinha já valia um milhão de marcos, nesta súbita miséria em que foram atiradas milhões de famílias alemãs criou-se a situação em que o meu pai com 65 anos teve de se mudar para fora da cidade, numa localidade chamada Fedderwarden, e foi trabalhar numa olaria de tijolos para equilibrar as contas da família. Era um ajudante de oleiro. A minha mãe, (que muitas vezes se escreve Antje), fez dum sacco de batatas vazio um casaco para suportar o rigoroso inverno. Em Fedderwarden meu pai comprou um bar que também tinha um salão de baile. Neste lugar já havia um salão de baile e os colonos do lugar com seus tamancos de madeira freqüentavam mais o salão da concorrência.

Nesta época o dinheiro que o meu pai ganhava como diarista na olaria, tinha que ser gasto no mesmo dia. Pois à noite não valia mais nada. Certa vez o meu pai me deu dinheiro para eu comprar sapatos para todos nós. Chegando na loja, dava para comprar 4 pares de sapatos. Voltei para casa e perguntei se devia comprá-lo ao que ela respondeu afirmativamente. Retornando à loja me informaram que com este dinheiro só podia comprar 3 pares. Retornando à casa minha mãe disse compre o que puder. Voltando novamente à loja consegui comprar um par de sapatos. Do centro ao nosso quarteirão era uma boa distância 10 minutos de bonde. Essa inflação era para mim algo incompreensível. Ela era vertiginosa e sempre o dobro do dia anterior. Com o passar dos dias os vendedores de calçados já nem saíam mais nas vitrines com medo de não poder acompanhar a inflação. Os preços eram mudados com muita velocidade como por exemplo de 10 para 20, 50, 500, 1000, 1000000. O salário mensal passou para se-

manal, para diário e por hora. Muitos que possuíam fortunas como por exemplo a quantia de 30000 mil marcos ouro na poupança puderam com aquilo comprar um pãozinho. O governo com grandes emissões monetárias procurava apagar dívidas internacionais contraídas pela guerra perdida com o empobrecimento do seu povo. Estas emissões descontroladas causaram convulsões sangrentas em toda a Alemanha. Quem teve o aviso antecipado desta inflação comprou o maior número possível de bens no fiado. Os que contraíram dívidas ficaram ricos, e os ricos ficaram pobres.

Milhões de alemães perderam assim todas as suas economias ganhas com o suor do rosto. Acostumado como era numa moeda estável a inflação gerou desespero e desilusão. E milhares disseram (Ich mache nicht mehr mit) e se suicidaram. Com tudo isso tive de freqüentar as aulas do lugarejo onde eu sempre tirava a 1ª. colocação na minha classe. Quando o nosso professor estava zangado ficava com a cabeça vermelha e dizia: ("je swienegel ik woll dat je in de Nod See triben ted") (1). Ele tinha cabelos brancos, não era grande amigo de línguas e tampouco sabia que eu mais tarde deveria falar uma língua estrangeira. Meus amigos já não eram mais os ginasianos cidadãos, mas sim filhos de colonos com os quais eu tive de me acostumar, pois os seus hábitos e costumes e linguajar eram de homens do campo, e rudes. A maior parte dos alunos ia à aula de tamanco holandês que faziam tanto barulho na sala de aula que não se podia mais compreender as palavras pronunciadas em classe. Nesta época eu trabalhava e ajudava meu pai no salão de baile. Fora tínhamos um belo pomar com macieiras, pés de maçã, ameixa e uva. Não podíamos só nos alimentar-nos destas frutas. Meu melhor amigo era Terri, um cão pastor de capa preta que sempre esperava por mim na entrada do portão da escola. Diariamente levava meus livros de aula. As compras feitas

eram transportadas numa cestinha que o cão pastor carregava nos dentes. A colheita das ameixas (mirabellen) se aproximava, e nessa época era grande a alegria. Subir nas árvores e colher as ameixas do mês de agosto, que eram postas em palha seca, onde permaneciam até Natal, para realizar compras mais necessárias tínhamos de ir a Jever. Quando nós íamos para a cidade de Jever nossa carroça de cavalos era coberta com uma lona. Para não esfriar os pés a gente mergulhava-os num pote de barro cujo fundo tinha brasas acesas e na parte superior uma grade onde se punha os pés. Levávamos 3 horas de viagem. Íamos também sempre para Wilhemshavem rever a nossa antiga vila na Holtermansstrasse nº. 52. Voltava-se de noite com o saco cheio de compras. Um dos meus melhores amigos era Udo, e numa tarde ele disse: "Nós vamos para o Brasilien". Foi a 1ª. vez que ouvi este nome. Sabia-se que naquela época era possível comprar uma fazenda e ter muitos trabalhadores negros montados a cavalo, cavalgando pelas imensidões. Assim como se sabia que Canadá significava cortar lenha e Argentina correr nos pampas. Meu pai olhou no mapa mundi, lá estava marcado Rio de Janeiro, São Paulo e Blumenau. E meu pai falou, meus filhos nós vamos para um lugar onde não há guerra. Não precisamos dar o ouro das nossas alianças e ganhar ferro em troca, pois era comum se dizer na Alemanha (Gold gab ich für EISEN). Esta terra se chama Brasil, eu sonhava em ver outras terras e com espingarda atirar em animais tropicais. Nunca pensei qualquer dia que este sonho se tornasse à realidade com uma viagem tão longa cruzando o oceano. Vendemos nossa casa e com as economias compramos passagens para o navio. Duas coisas que nunca mais posso esquecer o meu piano, e meu cão pastor Terri. Foi muito triste o meu adeus ao meu amigo. Guiado por força maior percorri novamente a minha rua em que mo-

rava. As árvores me davam a sua sombra pela última vez. O perfume das ameixas ficou impresso em minha memória. Este mesmo perfume eu iria encontrar muitos anos depois no Rio Grande do Sul. Eu desejava muito levar o meu piano junto, e meu pai disse: filho isso não é possível nós vamos para a floresta virgem (Urwald) onde não é possível continuar as aulas.

Duas caixas de madeira de metro cúbico foram compradas e empregadas no transporte de nossos objetos e bens. Tapetes, mesas, máquinas de costura, louças, cristal, porcelana, talheres, roupas de cama, varal de roupas e principalmente toda a documentação de que saíamos da Alemanha com ficha limpa sem dever nada à ninguém. Meu pai disse filho: por que você olha tanto para as estradas? Ficou tudo gravado em minha memória... Nunca mais haveria de encontrar a mesma rua de minha infância dezenas de anos depois de 1954. A rua da nossa casa ficou gravado em minha memória ainda a vejo hoje em visão rápida e viva. O navio era um navio cargueiro transformado em navio de passageiros, estava entupido de imigrantes, era pequeno e no mar jogava que nem uma casca de nós. No Golfo de Biscaia não havia passageiros sentados na mesa do navio, pois o enjôo tinha tomado conta de todos. A excessão era a minha mãe que se encontrava a bordo comendo tranquilamente. Um mês depois chegamos ao Rio de Janeiro, e ficamos contentes em ver novamente terras. Outro navio já estava pronto para transportar os imigrantes para a Ilha das Flores. Onde a seguir fomos. Todos os imigrantes tinham necessariamente de se hospedar na Hospedaria dos Imigrantes. Nós não necessitávamos de ir lá na hospedaria, pois tínhamos dinheiro como porém havíamos sido registrados como imigrantes, tivemos de acompanhar à massa. Lá chegando deparei com uma grande escada. Ao lado da escada que dava para um Hall, pretos com um sa-

cocada na mão, forneciam um prato do alumínio a cada imigrante.

Quando deparei com palmeiras e negros, vi que estava em outra terra do que a Alemanha. E de que precisaria nesta mudança, me adaptar à nova terra. Para sair desta ilha foi um sacrifício, pois haviam milhares de imigrantes à nossa frente. E quando chegou a nossa vez, 30 dias depois nós saíamos entusiasmados. A minha vontade era sair já no 1^o. dia pois a alimentação era só feijão e arroz e ganhavam cólicas intestinais e diarreias. Muitos tentaram escapar da ilha nadando para a terra firme. Como era porém uma ilha, a distância ao continente era muito grande. Para não perecerem afogados, tiveram de retornar. Recebemos notícias que viajaríamos adiante para o interior, Hinterland. Compramos passagens no navio ANNA da firma Carlos Hoepcke. Era navio costeiro onde os passageiros dormiam em todos os lugares e se o chaminé não fosse tão quente também seria ocupado.

Devido ao clima tropical, morreu uma criança. Não foi lançada ao mar devido à aproximação de um porto. Chegamos a Florianópolis, lá pegamos o Carlos Hoepcke e viemos à Itajaí. Onde seguimos adiante até o porto de Blumenau. Fomos instalados numa casa de tijolos pequenos que tinha o título de Hotel Brasil. Depois de tanto tempo viajando, ganhamos um gostoso café da manhã com pão de trigo e bastante manteiga em cima. Nossas malas nos acompanharam, nossas caixas vieram mais tarde. Meu pai leu muitos livros sobre fazendeiros no Brasil. E utilizando-se dos carros de mola procurava informações que nos dessem a oportunidade de estabelecer uma fazenda. A minha mãe foi contra; e ao invés de mudarmos para Vila Itoupava, ficamos em Blumenau. A minha impressão de Blumenau foi simplesmente horrível. Nada havia que se comparasse a minha linda cidade natal na Alemanha. O que não gostei: péssimas estradas onde se engolia muito pó

e as famosas capoeiras. O cinema cuja fita arrebatava uma dúzia de vezes por sessão, cinema mudo, mosquitos de onde peguei a malária e quase morri. Apesar da grande decepção achamos Blumenau semelhante à nossa pátria geograficamente. Especialmente como a Floresta Negra ou da Turíngia, devido as montanhas que a circundam, e seu povo muito hospitaleiro. Como naquele tempo se falava o alemão nos sentíamos em casa. A rua XV era o caminho onde passavam as carroças coloniais. Do outro lado do rio só havia mato. De um caboclo compramos um porco na rua das Palmeiras (Duque de Caxias), e pensamos em criá-lo. Uma semana após ter sido comprado o porco e pago, o mesmo morreu. Quando feita a reclamação ao caboclo este disse: que o porco estava vivo quando ele vendeu. Foi o 1º conto do vigário passado por um nativo a imigrantes europeus como nós. Na rua São Paulo compramos uma padaria. Assim o Brasil ficou minha 2ª pátria, de que tanto adoro. Em 1939 quando nós já tínhamos a Confeitaria Tönjes, estourou a 2ª. Guerra Mundial na Europa. O terreno da casa nº. 962 foi comprado dos padres, em 1927 a casa foi construída, e muitos diziam que este terreno não valia nada porque estava em cima de um barranco e tudo nele construído desabarria. Após a construção da casa, foi construída a varanda em 1941, que era o ponto elegante de Blumenau, inclusive com orquestra.

Com a entrada do Brasil na guerra contra a Alemanha, por pressões externas era proibido falar o alemão em Blumenau. E a confeitaria Tönjes viveu momentos difíceis. Tendo sido muito ajudado pelo senhor Sonnemann vizinho de 100 metros à rua XV de Novembro. Mantinha uma loja de confecções. O senhor Sonnemann era Judeu Alemão, e nas horas difíceis sempre me ajudou a sair de crises financeiras como na morte de minha esposa Lilly e de minha mãe. Lilly nascida Strassmann era a mãe de Werner Henri-

que Tönjes, a quem eu ditei esta história da família Tönjes. Foi ele um grande amigo.

OBSERVAÇÕES:

Navio de passageiros Galícia. Hamburg-Amerika Linie, Hamburg Abmelde-Bescheinigung na Alemanha 20 de março de 1924.

Chegada na Ilha das Flores: Hospedaria dos Imigrantes 22 de abril de 1924. Visto de saída da Alemanha em Bremen, 28 de março de 1924. Heinrich pai de Heinrich Gerhardus (da confeitaria) morreu em Blumenau em 1926. Há fotos do meu avô com trajes completos, sapatos, calças, camisa, gravata, chapéu de côco e de minha avó Antje com vestido branco, sapato, chapéu e chale de seda passeando nas areias da praia de Bal. Camboriú. Quando da minha viagem à Alemanha do Norte em 1973, constatei que o lugarejo De Fedderwarden não mudou muito. Um asfalto foi posto em cima da rua que era pavimentada com tijolos vermelhos ainda visíveis do tempo de meu pai. A nossa última casa foi destruída pela metade, por bombardeios aéreos ingleses, sendo reconstruída. A nossa mansão na Holtermannstrasse nº. 52 está de pé. O restaurante na Bismarckstrasse só resta a chaminé e anexo uma nova construção vende ferragens. O outro local existente de propriedade da família situava-se no Park Platz e atualmente é um ringue de patinação. A família é católica porque a capital Oldenburg era um enclave católico num mar de reforma protestante na época. Como o conde de Oldenburg não foi vencido militarmente apesar das pressões estrangeiras, Suécia, e tendo recebido ajuda de reis católicos permaneceu católico. O nome Tönjes significa em Português o mesmo que Tonho, que é uma corruptela de Antônio. Conta-se que o último rei lá pelo ano 800 D.C., antes de enfrentar o inimigo em campo

de batalha (os Frísios são uma tribo Nórdica), prometeu a sua esposa princesa cristã, que se ganhasse a batalha, obrigaria todos os seus súditos a se batizarem e de se tornarem cristãos. Com a batalha ganha nossa família recebeu o nome de Antônio em homenagem a Santo Antônio, que anteriormente tinha sido morto pelos Frísios. Este missionário cristão foi o 1º. Mártir na pregação do evangelho.

Meu pai ditou estas memórias em 1967.

O que mais impressionou meu pai foi no pátio do porto de Santos, ver os negros musculosos e de pele luzidia que com pás viravam os grãos de café para aeração e secamento ao Sol, e na Alemanha nórdica se contava a piada do alemão que pela 1ª. vez viu e gostou do café. Saiu como louco pelos pastos e trouxe para casa uma cesta cheia de "grãos de café" pedindo para a esposa que fervesse após moído. Os "grãos de café" eram cocô de cabrito.

Saindo da Alemanha há 4 anos, onde café era raro, qual não foi o assombro em ver tanto café ser pisado no chão do pátio do porto de Santos. Estava demonstrado a riqueza e abundância naquela época do Brasilien. A vovó Ana não dei-

xava trocar os cinzeiros das mesas, pois a impressão de "muito limpo" indicava pouca freqüência no local. No começo vendia-se cerca de bananas e farofa, capilé de limão e framboesa, cigarro Liberty e Elmo com ponta lisa, era o tempo do Hotel São José, dos carros de mola.

NOTA: eu Werner Henrique Tönjes escrevi estas anotações de meu pai Heinrich Gerhardus, conhecido como Henrique Tönjes, dono da Confeitaria Tönjes até 12 de junho de 1968.

A origem da família:

Heinrich 1866 — Dörpen (com 33 anos mudou-se).

1902 - 1921 Rienstringen (34-55 anos).

1921 - 1924 Fedderwarden

1907 - 1921 Wilhemshavem

A pensão se chamava "Águia Negra" 1922-1924, em Fedderwarden, no interior.

WERNER TÖNJES

P.S.: A minha avó Annchen não "acertava" nos bolinhos de batata que fazia; eram como uma borracha e intragáveis. Meu pai e o meu tio Hans se divertiam em jogá-los contra a parede onde ficavam grudados.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (IX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

ANO DE 1963:

Termo 1: Missa de abertura do Ano Novo, em 01.01.

Termo 2: Festa de São Sebastião, em janeiro.

Termo 3: Preparação da Quaresma com confissões. Semana Santa de 1963.

Termo 4: Provisões e faculdades em favor do vigário e coadjutores, em 05.02.

Provisões para os conselhos de fábricas e capelas (idem).

Termo 5: Licença para binar missas, em 11.04.

Termo 6: Licença para a realização de uma procissão em honra à N. Senhora, em 04.04.

Termo 7: Circular do Sr. Bispo sobre diversos assuntos, em 04.04.

Termo 8: A antiga escola paroquial é cedida para o Estado, em 29.05.

Termo 9: Festa de São Pedro, em junho.

Termo 10: Viagem do vigário ao Rio

para assistir o M.T.C. Internacional, de 12 a 19.07.

Termo 11: Compra de 2 lotes em loteamento chamado Figueira, para futura capela.

Termo 12: Circular sobre reunião do clero em Ascurra e diversos assuntos, em 13.09.

Termo 13: Licença para uma missa no pátio do Grupo Escolar Honório Miranda (sem data).

Termo 14: Licença para a construção de um campo de futebol de salão em terreno da matriz, em 18.09.

Termo 15: Festa de Cristo Rei e 1ª. Comunhão de crianças na matriz.

Termo 16: Preparação para a 1ª. Comunhão na escola Honório Miranda (sem data).

Termo 17: Dia de Ação de Graças, em 22.11.

Termo 18: Coleta para as Missões, em outubro.

Termo 19: Distribuição de folhetos para a preparação do Advento.

Termo 20: Movimento religioso de 1963: Batizados (543), casamentos (98), comunhões (115.538), 1ªs. Comunhões (504), extremas-unções (54).

ANO DE 1964:

Termo 1: Missa do Ano Novo, em 01.01.

Termo 2: Consagração das famílias, em 06.01.

Termo 3: Festa de São Sebastião, em janeiro.

Termo 4: Provisões sobre diversos assuntos.

Termo 5: Celebração da Semana Santa.

Termo 6: Missa de 7º.dia pelo falecimento do Sr. Nuncio Apostólico Armando Lombardi, em 12.05.

Termo 7: Encerramento do mês de maio e consagração do povo.

Termo 8: Campanha de ouro para um Brasil melhor.

Termo 9: Tríduo da festa de São Pedro pregado por D. Quirino.

Termo 10: Compra de um terreno em Navegantes (sem data).

Termo 11: Bênção da ermida de São Cristóvão e dos motoristas.

Termo 12: Promoção em favor do Seminário de Taió.

Termo 13: Conferência do Sr. Bispo D. Gregório, em 22.08.

Termo 14: Dia do Catecismo e Concentração das crianças na matriz (sem data).

Termo 15: Início do Curso de Noivos, em setembro.

Termo 16: Campanha em prol das Missões e 1ª. Comunhão na matriz, em outubro.

Termo 17: Coleta intitulada "Adveniat", em Outubro.

Termo 18: Reunião das lideranças da paróquia, em novembro.

Termo 19: Ordenação sacerdotal (15.12.) em Petrópolis, do gasparense Wilson Zimmermann. Primícias na matriz em 20.12.

Termo 20: Dispensas matrimoniais (em diversas datas).

Termo 21: Missa do galo, em 25.12.

Termo 22: Movimento religioso de 1964: Batizados (536), casamentos (100), comunhões (113.498), 1ªs. comunhões (535), extremas-unções (63).

Termo 23: Circular sobre diversos assuntos, em janeiro.

Termo 24: Circular sobre diversos assuntos, em 27.09.

Termo 25: 1ª. Comunhão na festa de Cristo Rei, em 25.10.

Termo 26: Coleta para as Missões, em outubro (repetição).

Termo 27: Preparação para o Natal e festividades.

Termo 28: Movimento religioso de 1964 (repetição).

AO REDOR DO DR. BLUMENAU (XII)

THEOBALDO COSTA JAMUNDÁ

A bibliografia relacionada com imigração e a colonização no território brasileiro é de muitos títulos. Também não é de poucos a relacionada com a imigração alemã. E quem tenha interesse em saber sobre a bibliografia de referência sobre o italiano imigrado, prepare tempo para milhares de títulos, mesmo, que só queira a relacionando esse imigrante no universo da Região Sul. — Disto sabe quem quer saber. — E nesse assunto flagra-se aspectos como por exemplo de jovem amigo interessado na bibliografia do imigrado alemão e não conseguia quatro títulos, entendidos por ele e muitos especialistas na categoria de indispensáveis: 1) CARLOS FOUQUET, (2 livros) um, "Vida e Obra do Doutor Blumenau — Ensaio biográfico"; outro, "O Imigrante alemão e seus descendentes no Brasil 1808-1824-1974"; 2) J. FERNANDO CARNEIRO, "Imigração e Colonização no Brasil", Rio de Janeiro (RJ) 1950; 3) "EDUARDO PRADO, "A Imigração no Brasil" São Paulo (SP) 1941; e também "CARLOS LÁCERDA, A Vinda de Colonos alemães e o Relatório do Visconde de Abrantes".

— O primeiro título de Fouquet, está na 1ª. edição do "Centenário de Blumenau 1850 - de Setembro - 1950"; o segundo é um livro como o é também o de J. Fernando Carneiro; os textos de Eduardo Prado e de Carlos de Lacerda, estão: o 1º., in "Boletim do Serviço de Imigração e Colonização", n.º. 4, São Paulo (SP) 1941; e o 2º. na "Revista do Arquivo Municipal — Departamento Municipal de Cultura — Prefeitura de São Paulo — Período que esteve produzindo a aquela revista Francisco Patí e Nuto Sant'Anna.

Tem razão o jovem amigo interessado nos referidos títulos, eles consistem em textos obrigatórios para quem estuda o

imigrado europeu no mundo brasileiro — E também por que envolve referências ao dr. Blumenau como proprietário, diretor e gerente de colonização particular. (EXATAMENTE DE COLONIZAÇÃO PARTICULAR. — A QUE FICOU SUJEITA AOS INTERPRETADORES (...) TANTO DA ALEMANHA COMO DO BRASIL).

Neste raciocínio o texto assinado por Carlos de Lacerda é de leitura indispensável. — O discurso de colocações argumentativas ilumina a ação da personalidade maior do Visconde de Abrantes, Miguel Calmon du Pin e Almeida (1794-1865), sem dúvida uma inteligência e uma assistência ao imigrado interessado no progresso brasileiro como partícipe, e ao mesmo tempo realizando-se social e economicamente. Mas se o Visconde Abrantes aparece sendo autor da "MEMÓRIA SOBRE MEIOS DE PROMOVER A COLONIZAÇÃO", o jornalista Carlos de Lacerda, vê a desfocalizada posição, na qual é tomado o dr. Blumenau. E tal perfil desfocalizado, é quem diz ser oportuno para os leitores de "BLUMENAU EM CADERNOS" assuntarem no detalhe da injustiça praticada.

A Europa germânica procedeu de modo tão injusto que aproximou pelos ideais e pela ação pragmática dr. Blumenau e o Visconde de Abrantes. E quem diz isso com suficiências proverbiais é o ensaísta Carlos Fouquet: "JÁ ANTES DE 1848, O ILUSTRE BRASILEIRO MUNIU A BLUMENAU DE RECOMENDAÇÕES ASSAZ FAVORÁVEIS". — E também funcionou como conselheiro orientador, dissuadindo dr. Blumenau de abandonar todo investimento da empresa colonizadora (no Vale do Itajaí, é claro) e transferir-se "PARA UMA DAS COLÔNIAS PORTUGUESAS NA AFRICA, PARA AS FILIPINAS OU PARA

AS ÍNDIAS, ONDE ENCONTRARIA CAMPO MAIS GRATO PARA SUA ATIVIDADE". (Cf. Ob. cit. pags. 65 e 92).

E sobre o elo ético que uniu estas figuras maiores da História da Imigração Brasileira, falou o historiador Pedro Calmon, (Bahia, BA 1902 — Rio de Janeiro, RJ 1985) na solenidade de colocação da pedra fundamental da "Casa Dr. Blumenau". — Evento como outros comemorativos e festivos do transcurso do Centenário de Blumenau. O aludido historiador era então Ministro da Educação e Cultura e representou, na cidade centenária em festa, o presidente da República, marechal Eurico Gaspar Dutra, período 1946-1950.

Que fique à disposição dos interessados o texto que o jornalista Carlos de Lacerda (1914-1977) escreveu. É redigido no estilo que o fez conhecido com a invejável capacidade de comunicação. E focaliza no mesmo plano do interesse nacional, o alemão colonizador Hermann Bruno Otto Blumenau e o diplomata brasileiro Miguel Calmon du Pin e Almeida. — Ambos liderantes de opiniões, em línguas diferentes, visantes, os dois, em exaltar e usufruir o valor do imigrado europeu. E sobre tudo garantindo-lhes as condições motivadoras do sucesso. — Ambos também enfrentadores das ações deletérias ou equivocadas recaintes sobre eles. — Leia:

A VINDA DE COLONOS ALEMÃES E O RELATÓRIO DO VISCONDE DE ABRANTES (Especial para a "REVISTA DO ARQUIVO")

CARLOS DE LACERDA

Entre os documentos básicos para o estudo da imigração e colonização no Brasil, figura essa tão pouco citada "Memória sobre meios de promover a colonização", cuja primeira edição foi publicada em Berlim, na Tipografia de Unger Irmãos, em 1846, com uma segunda edição na Baía (prefácio de M. Chaves), na Imprensa Oficial desse Estado, publicação de 66 páginas.

A memória do Visconde de Abrantes, que figura na Biblioteca Nacional com a indicação III — 213 — 5 — 16, é o desenvolvimento do Relatório que êle preparou, por ordem do Ministro dos Negócios Estrangeiros, para "o engajamento de colonos alemães, agricultores e artifices".

"Não tenho a pretensão de dizer coisas novas", afirma o Visconde. Alego fatos, que julgo bem averiguados e sirvo-me de documentos que passam por seguros". A-pesar-da modesta observação, essa Memória figura, com o "Projeto de uma lei adicional à das terras públicas e com a imposição do censo por maior e favores aos que promovam a colonização agrícola no Brasil", de Varnhagen (Madrid, Imprensa da viúva D. R. J. Dominguez, rua Hortaleza nº. 67, ano 1856) e as "Ideias sobre Colonização", de Luiz P. Lacerda Werneck (Rio, Laemmert, 1855), coletânea de artigos publicados no "Jornal do Comércio" pelo filho do barão de Pati do Alferes, entre os documentos menos conhecidos e mais interessantes à história da colonização alemã no Brasil.

Encarregado de missão oficial na Alemanha, para estudar os meios convenientes ao engajamento de colonos alemães para o Brasil, o Visconde de Abrantes não se cansa de acentuar: E se errônea fôr a opinião que interponho sobre o mais conveniente modo de colonizar, espero merecer a indulgência, não recusada até hoje, a quem deseje unicamente auxiliar, como lhe é agora possível, a discussão de um assunto de interesse nacional".

Uma série de observações da maior significação encontram-se nessa "Memó-

ria", de envolta com informações precisas e altamente significativas para a definitiva elucidação de um problema histórico e sociológico da maior importância, á que não faltam immediatismos políticos cujos reflexos necessariamente se fazem sentir na estrutura do problema.

Era em 1846 a Alemanha, "com uma população de 40 milhões, o país da Europa que tem fornecido e fornece o maior número de colonos ao antigo e novo mundo. Há colônias alemãs na Rússia meridional, da Bessarábia até o Cáucaso; e entre os imigrantes já estabelecidos na Argélia, conta-se crescido número de alemães".

Nos Estados Unidos, curiosas reações experimentavam os colonos alemães, como anota Abrantes: "Está mesmo demonstrado que apesar da sua natural repugnância á escravidão, os colonos da raça alemã são ali opositos á opinião abolicionista, só porquê aborrecem profundas e rápidas mudanças na ordem estabelecida". E já naquele ano havia nos Estados Unidos 6 milhões de colonos entre 20 milhões de habitantes.

O estudo das zonas de procedência dos imigrantes alemães é um dos objetivos da "Memória" que em 66 páginas condensa todo um exame do problema. "Pôsto que todos os Estados da Confederação Germânica (note-se que o Visconde escrevia antes da unificação alemã, é claro), possam fornecer agricultores e artifices, todavia os países situados sôbre os rios que vão ter aos portos de embarque são os que contribuem anualmente com o maior número de colonos que se destinam aos Estados Unidos, Canadá, e América do sul", Baden, Hesse Palatinado (Baviera Renana), Nassau, Rússia Renana — regiões situadas sôbre o Reno ou sôbre o Hesse Eleitoral e a Westphalia, onde penetra o Weset; a Turingia e a Saxônia, por onde corre o Elba; Hannover, cortado pelo Elba e o Weser, e as províncias orientais da Prússia, atravessadas pelo Oder — eis "os distritos onde com mais facilidade poder-se-á engajar colonos úteis".

Os portos de embarque mais utilizados pela emigração alemã, segundo Abrantes, eram os seguintes: Bremen, na foz do Weser; Hamburgo, na foz do Elba; Rotterdam, na do Mosa e do Reno; Antuérpia na do Escalda; Havre, na França, sôbre o Mancha, "Segundo a estatística da emigração, publicada há meses (1846), partiram no ano de 1844 para além do Atlântico, 43.661 alemães", sendo 19.863 em Bremen, 16.660 no Havre, 1.774 em Hamburgo e o resto em Amsterdam e Rotterdam.

Mais de $\frac{3}{4}$ dessas levas foram para os Estados Unidos e para o Brasil. A maioria, segundo conjectura Abrantes, saíria por portos alemães, Hamburgo, Antuérpia e Bremen, "que maior comércio têm conosco".

Em 1845 calcula-se que "mais de 50.000" alemães emigraram.

VERIFICAÇÃO DA PROFISSÃO E HÁBITOS MORIGERADOS DOS COLONOS ENGAJADOS

Para êsse fim, diz o Visconde, "os regulamentos policiaes da maior parte dos Estados da Alemanha podem auxiliar a averiguação do caráter e ocupação do individuo que se quiser engajar. Cada trabalhador do campo ou das fábricas, cada criado de servir, cada proletário, enfim, é obrigado a ter um livreco rubricado e fiscalizado pelos Comissários de Policia, no qual se acha escrito o nome, naturalidade e profissão da pessoa que o tem, e se assentam as declarações feitas por aquêles a quem vai sucessivamente servindo, sôbre o modo por que se comportam, e motivo por que deixaram o serviço. Nenhum lavrador, fabricante ou amo admite trabalhador ou criado sem exigir o respectivo livreco, e examinar as declarações nêle escritas, que devem estar seladas e rubricadas pela Policia. Além disso, em quase todos os Estados,

particularmente na Baviera e na Prússia, ninguém pode emigrar sem obter licença por escrito da autoridade local, que só a deve conceder a quem já tiver satisfeito ao dever da conscrição militar e mostrar que não lhe faltam meios para passagem ou fazer as despesas de viagem".

Foi esse mesmo controle que permitiu a emigração dirigida, quando se percebeu que era impossível evitar a emigração, decidindo-se então aproveitá-la do melhor modo no sentido de uma expansão alemã através dos súditos alemães emigrados. É o que adiante veremos.

(Ortografia original)

(CONTINUA)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia, publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 31 de agosto de 1872.

Dona Francisca — Segundo o último censo, na **Cidade** de Joinville existem 231 moradias (10 outras casas estão desabitadas) abrigando 256 famílias que somam ao todo 1.295 habitantes. No ano de 1864, a população da Cidade de Joinville era de 974 pessoas, que formavam 178 famílias, habitando 161 moradias.

Notícias de 21 de setembro de 1872.

Dona Francisca — Segundo o último censo, a população total do Município de Joinville é de 7.593 habitantes. Deste total, 6414 pertencem à Colônia Dona Francisca e às áreas do Príncipe, enquanto o distrito brasileiro compreende 1.179 habitantes. Esta população forma 1382 fogos. No município existem 1.412 moradias e construções abertas.

Notícia de 12 de outubro de 1872.

Dona Francisca — Fundo da construção do prédio da Sociedade de Ginástica. No princípio do ano, o capital era de 969\$810 Réis. Desta importância, 950\$000 foram emprestados a juros, restando portanto em caixa 19\$810 Réis. Com o recebimento de juros, contribuições voluntárias mensais e a restituição do empréstimo de 50\$000 Réis, entraram até princípio de julho, 154\$370 Réis. A despesa no primeiro semestre foi da ordem de 3\$880 Réis, ficando, portanto em caixa 150\$490 Réis. Do começo de julho até fins de setembro, entraram 13\$500 Réis de juros e em contribuições mensais 16\$200, perfazendo o total de 29\$700 Réis. A despesa orçou em 1\$620 Réis, restando a soma de 28\$080 Réis. Esta somada à receita do princípio de julho, dá um saldo de 178\$570 Réis, havendo atualmente um saldo total de 1:078\$570 Réis.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

DUAS DÉCADAS DE PREGAÇÃO

Quando abro o suplemento «Anexo», do jornal «A Notícia», quase todos os domingos encontro artigo de Lauro Junkes comentando algum autor catarinense. Lembrando que são passados quinze anos desde que ele analisou pela primeira vez um livro de minha autoria, e que já se debruçava sobre a obra dos catarinenses há muito tempo, acredito que sua militância crítica se estende às últimas duas décadas e sua produção no gênero ultrapassa de longe o milhar. Essa presença constante, passando por quase todos os grandes jornais do Estado, corre o risco de virar rotina caso ninguém se apresse a apontá-la, recordando a quantidade de leitura que exige, nem sempre de coisas apetecíveis, e o tempo de vida gasto nessa tarefa. Como o ofício do crítico é ingrato, pois vive a falar dos outros sem que falem dele próprio, é bem possível que a incansável atividade de Junkes não seja bem dimensionada e até autores abordados, quem sabe, julguem que «ele não está fazendo mais que a obrigação», como disse alguém de outro crítico.

Quase tudo que veio a público ou aconteceu no reino das letras nestes últimos vinte anos passou pelo crivo de Lauro Junkes, sem o que pareceria pagão, sem batismo, sem explícita admissão no universo literário. Obras de todos os gêneros, movimentos e grupos, realizações coletivas ou individuais, nada escapou à sua atenção. Autores que se afirmaram, construíram uma obra, aprimoraram o estilo e afinaram a linguagem encontraram sempre nos seus artigos o estímulo e as observações necessárias para correção de rumos. Sua produção está lá registrada nos artigos e notas do crítico, testemunhando seu esforço e o progresso obtido. Outros, de obra escassa, realizada ao sabor das circunstâncias ou até no desempenho de certos cargos, surgem e desaparecem dos registros como personagens ocasionais que adrentaram um cenário a que não pertenciam. Para estes, com certeza, os artigos de Lauro constituem a prova de uma aventura sem consequências.

É claro que antes dele outros críticos deram sua contribuição. Quase todos, no entanto, se voltaram para os catarinenses de forma esporádica ou especificamente para um autor determinado. Alguns se debruçavam às vezes sobre os catarinenses como se descessem dos páramos para o rés-do-chão, mal escondendo o enfado pelo tempo perdido, numa atitude de condescendência que sempre me pareceu deplorável. Com Lauro Junkes foi diferente. Ele decidiu se entregar ao estudo dos conterrâneos, tornar-se o seu intérprete maior, acreditando em nossos talentos e no valor do que produzimos. Não vive suspirando pelo «tempo perdido» ou lamentando pelo trabalho de analisar obras de autores que não merecem a louvação unânime da grande crítica mas se esforçam por realizar uma obra. Mas como tudo que é feito com since-

ridade repercute, hoje o nome de Lauro Junkes é conhecido e respeitado em toda parte, como tenho verificado em meus contatos e viagens. Sem falar que está gravado para sempre em nossa história literária.

MONTEIRO LOBATO SEMPRE ... ATUAL

Convidado pela direção da Biblioteca Infanto-Juvenil Monteiro Lobato, de São Paulo, participei do evento 'Monteiro Lobato sempre ... atual», comemorativo do 111º aniversário de nascimento do escritor e que se realizou entre 12 e 18 de abril. Fiz uma palestra sobre as relações de Lobato com o Direito, abordando suas opiniões a respeito de certos institutos e a influência desses conhecimentos jurídicos em sua obra de ficcionista e articulista, onde não cometeu os erros tão comuns em autores jejunos em tais assuntos. São aspectos pouco conhecidos e nunca abordados de forma metódica da obra do escritor e talvez por isso despertassem tanta curiosidade, embora alguns lobatianos históricos desaprovem essas abordagens sérias» que, segundo eles, «retiram a aura de fantasia que deve cercar o criador do Sítio do Picapau Amarelo». Nilce Sant'Anna Martins professora da USP e autora de ensaios sobre Lobato, Paulo Dantas, escritor e amigo, e Reginaldo Pinto de Carvalho, professor e ensaísta, foram os outros palestrantes. No dia seguinte participei da movimentada mesa redonda, presidida pela prof^a. Roseli Teresa Silva Leme, diretora da Biblioteca, e da qual participaram também os palestrantes e outras personalidades que incluíam um escritor infantil, a editora das obras de Lobato, uma atriz, diversas educadoras e funcionárias que trabalham com a produção lobatiana, entre elas D. Hilda Villela, encarregada do museu e grande «expert» em Monteiro Lobato. Paralelas às palestras e debates aconteceram uma exposição de fotos, livros e objetos raros do escritor, exibição de vídeos e peça infantil, reunindo na Biblioteca, por toda uma semana, inúmeros aficcionados do taubateano e sua obra. Um acontecimento cultural admirável e bem conduzido. E para mim inesquecível.

BRUNO DE MENEZES

Transcorreu a 21 de março o centenário de nascimento de outra figura importante das letras, cuja liderança contribuiu para a modernização de nossa cultura. Refiro-me ao poeta e escritor Bruno de Menezes (1893/1963), nascido na cidade de Belém, autor de uma obra sempre louvada pela crítica e que incorporou aspectos da cultura popular e princípios do Modernismo de 1922, fazendo dele, segundo Joaquim Inojosa, o pioneiro a erguer a voz solitária na pregação modernista em todo o Norte brasileiro. Seus livros «Bailado Lunar», a primeira obra modernista da região, e «Batuque», são primorosas e seus poemas cativam sempre. Como afirmou Ana Diniz, 'Bruno talvez tenha sido o escritor paraense de maior compromisso com o povo». E de fato, ele não apenas captou a poesia existente na vivência do povo, como defendeu a natureza da região que tanto amava em suas novelas e crônicas,

onde se revelou também pioneiro da ecologia. Em 1923 lançou a revista modernista «Belém Nova», modelo de independência renovadora e marco na evolução da literatura nacional.

Autor de uma obra vasta e rica, que inclui romances, novelas, crônicas, artigos e pesquisas folclóricas, Bruno foi acima de tudo um poeta. Seus versos são pessoais e criativos, aliando o arrojo estético às raízes populares e ao sentimento telúrico. Muitos eventos marcarão ao longo do ano as merecidas comemorações de seu centenário.

VARIADAS

Lauro Lara Editora, com o apoio da Fundação Casa Dr. Blumenau, lançou a antologia «Blumenália Poética 2», reunindo poemas de 25 blumenauenses, nos salões da Galeria Municipal de Artes. *** Academia Catarinense de Letras promoveu o lançamento do livro «Poemas do meu caminho», de autoria de Sílvia Amélia Carneiro da Cunha, no auditório do Palácio Cruz e Sousa, em Florianópolis. *** «Já li o seu **Jornalista por ideal**, no qual você aborda a vida fascinante de Crispim Mira, que lhe confesso me era desconhecida. Li-o de uma assentada e fiquei impressionado com o seu poder de síntese e, ao mesmo tempo, a habilidade de captar os **cortes dramáticos** da vida do biografado. Fiquei fascinado pelo biografado . . .» — Clóvis Moura, sociólogo e poeta, São Paulo, 20/03/93.

REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta,

- Diocese de Florianópolis eleva a Capela de Santo Ambrósio à condição de Paróquia;
- Dispensa de casamento misto;
- Santas Missões em Guaricanas e Jacó Badalotti.

Preliminarmente, vamos reproduzir integralmente o termo de abertura do Livro de Tombo nº. 1 do Curato de Ascurra.

«DIOCESE DE FLORIANÓPOLIS»

«O presente livro há de servir para o Livro de Tombo do Curato. Passo a abrir e rubricar-o com o meu cognome que diz Topp e no fim lançarei o competente termo de encerramento.

Florianópolis, 22 de fevereiro de 1914.

Mons. Francisco Topp.
Vigário Geral».

Segue carimbo com estes dizeres:

«Joannes Episcopus Florianopolitanus».

Passamos a transcrever, na íntegra, o Decreto da Ereção do novo Curato de Santo Ambrósio de Ascurra, que data de 29 de outubro de 1912:

«Dom João Becher, por mercê de Deus e da S. Sé Apostolica, Administrador da Diocese de Florianópolis».

«Aos que este nosso Decreto virem, Saudação e Benção em Nosso Senhor Jesus Cristo».

«Fazemos saber que tendo nós deliberado crear o Curato de Santo Ambrósio de Ascurra, no municipio de Blumenau neste Bispado de Florianopolis, depois de ter ouvido o Rev. Cura de Rodeio, de cujo curato este vae ser desmembrado, e depois de haver-mos sido apresentado pelo mesmo cura a competente petição e cumpridas todas as condições de direito, usando da nossa jurisdição Ordinaria Diocesana, e em caso necessario, da que é delegada pelo Santo Concilio Tridentino (Sess. XXI cap. 4 de reform) havemos por bem separar, dividir e desmembrar do Curato de Rodeio o Territorio que em seguida vae indicado, e nelle pelo presente Decreto erigimos canonicamente instituimos um novo Curato que se denominará de Santo Ambrósio de Ascurra, compreendendo toda a area entre os Rios São Paulo e Guaricanas desde as suas respectivas fozes e o divisor de seus afluentes. Submettemos à jurisdição e cuidado espiritual do Cura que por elle for nomeado e dos que canonicamente lhe succederem no cargo, os habitantes d'aquelle territorio, aos quais mandamos tanto o Rev. Cura como para fabrica a Igreja, contribuam religiosamente com os emolumentos, orações e benesses que respetivamente lhes sejam devidos por Estatutos e Leis desta Diocese. Concedemos também à Igreja de Santo Ambrosio que servirá de Matriz do Curato, pleno Direito e faculdade para ter o Sacrario em que conserve o Augusto

Sacramento da Eucaristia com o necessario ornamento e decencia e com a lampada accesa de dia e de noite, bem como a faculdade para alli estabelecer-se Baptisterio e Pia Baptismal, para o livro de Tombo e de Registros do Baptismo, Matrimonios e Obitos e todo os mais direitos, honras e distincções de uma Igreja Parochial. Portanto damos por erigido e constituido em nossa Diocese o novo Curato acima descripto, o qual terá por Padroeiro principal o Santo Ambrosio, cuja festa se haverá de celebrar anualmente com pompa e religioso esplendor. Mandamos que esse nosso Decreto seja lido em um Domingo ou dia santificado e estação da missa parochial tanto na Igreja Matriz do nosso Curato, do que se passará Certidão ao verso deste Decreto para todo o tempo constar depois do que seja registrado nos livros do Tombo de ambos os Curatos e no Livro competente da nossa Camara Episcopal. Dado e Passado na Camara Episcopal de Florianopolis, sob nosso signal e sello de nossa Armas, aos vinte e nove de novembro de mil novecentos e doze. E eu monsenhor Francisco Topp secretario do Bispado escrevi».

«João, Admor. Apostolico da Diocese de Florianopolis».

«Registrado a fls. 37 V 91 do Livro P. D. J. custas 100\$000. Decreto de erecção do novo Curato de S. Ambrosio de Ascurra nesta Diocese de Florianópolis. «Certifico e dou fé que no dia 8 de dezembro de 1912, na Missa Parochial, foi lido este Decreto na Matriz de Rodeio. P. Policarpo. S...»

«Foi lido este Decreto aos treze de dezembro de 1912 na Matriz de Ascurra de que dou fé. P. Osvaldo Schlenger, O. F. M. Vigário de Blumenau».

Da data da publicação do decreto acima transcrito, Ascurra fôra elevada à condição de Paróquia e os franciscanos dispensados da sua administração. À medida que os núcleos de povoações se constituíam, naquele tempo, aos poucos construíam suas igrejinhas, frutos da união e de vontade, e as mais próximas de Ascurra, ficavam recebendo assistência religiosa do vigário da Paróquia de Santo Ambrósio.

Vamos relacionar, em seguida, as capelas sob a direção dessa Matriz: a Capela de Sant'Ana, de Apiúna; de São José, de Guaricanas; Sagrada Família, de Ribeirão São Paulo; Santa Rita, Vargem Grande; São Pedro, de Morro Pelado; Nossa Senhora das Graças, de Ribeirão Ilse; São Luiz, de Ribeirão do Bode; Santa Bárbara, de Ribeirão das Cabras; Nossa Senhora do Sagrado Coração, de Saxônia; Santa Terezinha, de Ilse Grande; Nossa Senhora do Caravágio, de Subida Centro. Os fabriquiteiros destas Capelas e da igreja Matriz, além de administrarem os bens paroquiais, empenhavam-se no sentido de arranjar recursos financeiros por meio de promoções e festas, donativos e esmolas, e destinar grande parte dessas captações, ao Seminário Diocesano de Ribeirão do Campo, hoje Salete, afim de ajudar à Obra das Vocações Sacerdotais da Diocese, e auxílio aos meninos carentes tendentes à carreira sacerdotal, em Seminários de Congregações religiosas. Quando Apiúna foi elevada à condição de Paróquia, em 24 de outubro de 1954, cujo primeiro Vigário foi o Padre José Moravcik, as Capelas pertencentes a este distrito ficaram subordinadas àquela Matriz.

No Livro de Tombo da Paró-

quia de Ascurra, vimos a dispensa de casamento misto, ou seja, matrimônio entre católicos e protestantes. E a 29 de abril de 1942, Dom Pio de Freitas, Bispo Diocesano de Joinville, concedeu autorização em favor de Dominga Roedel, católica, para poder se casar com Artur Hass, protestante, cujas cerimônias foram realizadas conforme determinação do regulamento católico: declaração de ambas as partes, por escrito, e conforme Cerimônia do Sínodo.

Em 14 de março de 1943, começaram as Santas Missões na Capela de Guaricanas, cujo encerramento ocorreu no dia 19 com missa solene, celebrada pelo vigário Padre Aleixo Costa. Logo depois, no dia 21 houve festa do padroeiro, São José, com missa cantada pelos aspirantes salesianos do Colégio «São Paulo» de Ascurra.

Jacó Badalotti, filho de Hettore e Anna Badalotti, nasceu em Ascurra, aos 27 de outubro de 1913 e faleceu a 20 de maio de 1960, com 47 anos de idade. Seu pai, nasceu em viagem de navio da Itália para o Brasil. Jacó um companheiro de adolescência, de origem humilde, seus pais, irmãos e filhos souberam dignificar e engrandecer este recanto do nosso Estado, Ascurra. Estudou com as Irmãs salesianas e no Colégio «São Paulo». Como já pudemos constatar, Jacó Badalotti, exerceu a função de Intendente Distrital, durante o período administrativo do Prefeito Provisório, Germano Brandes Júnior, em 1944. Em agosto de 1945, foi nomeado Oficial do Registro Civil de Ascurra, em cuja função permaneceu até sua morte. O Escrivão Jacó Badalotti, foi sempre um exemplo para a família, para os amigos,

para os seus conterrâneos, servindo a todos desinteressadamente e eficientemente, numa obra que dispensa comentários. A morte, um tanto prematura, o retirou do nosso convívio, antes que sua operosidade pudesse revelar-se; todavia, o quanto nos legou basta com afirmação de uma personalidade digna de respeito, de admiração e de estima. Ninguém, jamais, alguma vez careceu dos seus préstimos que não tivesse encontrado, solícito, disposto a servir. Sua morte deixou uma grande lacuna em nossa terra natal. Ascurra, pranteou a sua morte.

É com alegria imensa que registramos nestas Reminiscências de Ascurra, a atenção especial que nos dispensaram, Carin Maria Bachmann Brandt e Rubens Airon Schütz. Agente Administrativo e Auxiliar, respectivamente, da Prefeitura Municipal de Indaial, a quem devemos a disponibilidade dos arquivos e pesquisas de documentos relacionados à fundação da Colônia

de Ascurra. Ao Padre Paulo Marconcini, Vigário da Paróquia Santo Ambrósio, pela colaboração na apresentação dos registros da igreja que, junto aos quais, tivemos a feliz oportunidade de coletar dados valiosos sobre o desenvolvimento religioso dos habitantes que se instalaram no médio Vale do Itajaí-Açu, principalmente em Ascurra.

Nos próximos números desta Revista, apresentaremos:

Posse do Pároco Padre Leão Muzzarelli, na Igreja Matriz de Santo Ambrósio, em 6 de maio de 1923;

Aceitação das primeiras Associadas à Pia União das Filhas de Maria Imaculada;

Eleição da 1ª. Diretoria da Pia União;

Sucessor do Prefeito Germano Brandes Júnior e Intendente Distrital de Ascurra, Eugênio Poffo.

Cartas

"São Paulo, 07 de abril de 1993

Senhores Diretores da Revista "Blumenau em Cadernos".

Saudações Cordiais;

Ao ensejo da passagem do 50º. Aniversário da Casa Buerger que ocorrerá a 19 do corrente mês, desejamos reverenciar a memória da figura de Arno Buerger, falecido em 29 de fevereiro de 1988.

Cidadão blumenauense de grandes méritos, tornou-se por suas qualidades de caráter, benquisto na comunidade que serviu com desinteresse e solicitude. Sempre apoiou as boas causas recebendo seus amigos e parentes de braços abertos.

Além de suas atividades na área do comércio e em obras de benemerência, interessou-se também no resgate da memória de seus antepassados, resultando graças às suas pesquisas em arquivos históricos no artigo sobre a Família Bürger publicado em "Blumenau em Cadernos" no número de julho de 1988.

Dando continuidade à tradição deixada com seu exemplo, adotaram seus familiares o espírito de trabalho e operosidade que caracterizaram sua existência, deixando na memória e no coração de todos os que privaram de sua amizade as mais gratas recordações.

Atenciosamente

Crestes Nesti

Caixa Postal 6803

São Paulo — Capital

01064 - 970".

HERMELINO JORGE DE LINHARES

Antônio Roberto Nascimento,
do Colégio Brasileiro de Genealogia.

É duvidoso dizer que Hermelino Jorge de Linhares (1) tenha nascido em São Francisco do Sul, haja em vista que, em 1871, quando foi do inventário de sua mãe (2), Francisca Rosa de Paula, morta e sepultada em terras francisquenses (3), com 56 anos de idade, de diarreia, lá moradora, seu pai, Jacinto José Lopes, que tinha então 76 anos de idade (4), morava em Antonina (PR).

Em São Francisco do Sul, Hermelino Jorge de Linhares foi praticante-porteiro da Administração dos Correios (5), professor público, quando fundou a escola noturna, de ensino gratuito, tabelião do 1º. Ofício do Público, Judicial e Notas (6), ao tempo em que Antônio Carlos Machado de Oliveira era o escrivão e José Emídio Nóbrega, o coletor — 1874 —, cargo de que desistiu para ser Oficial-Maior da Secretaria da Assembléia Legislativa Provincial, quando, outrossim, dirigiu o jornal "O Conservador" e fundou o "Progresso", em 1880. Ao depois, residindo já na então Cidade de Desterro, a Capital da Província de Santa Catarina, foi deputado à Assembléia Legislativa na 20ª legislatura (1874-1875), 2º. secretário da Assembléia no mesmo período, deputado, igualmente, na 21ª. legislatura, exercendo também o cargo de 1º. secretário, quando enunciou

a tal posto, e, à derradeira, deputado provincial à 22ª. legislatura (1878-1879), morrendo no ano seguinte, aos 5.12.1880 (7).

Teria, quando faleceu, cerca de 38 anos, uma vez que, em 1871, assinala-se a idade de 29 anos para ele (8).

Demais disso, era irmão germano de Rita Baldoína do Carmo, casada com Ricardo José Alves, com 33 anos em 1871 (9), capitão da 2ª. Cia. do 5º. Batalhão da Guarda Nacional de São Francisco do Sul, filho de Antônio José Alves e de Manuela Isabel Salustiana, conforme batismo da sobrinha Manuela, aos 20.11.1868 (10), que teve por padrinhos Hipólito Alves de Araújo e Ana Balbina, moradores na Cidade de Antonina, representados pelo Cel. Francisco da Costa Pereira — o casado com a poetisa Júlia da Costa — e D. Carolina Avelina de Carvalho. Sua irmã Rita Alves, como também foi grafada, teve, outrossim, a filha Adelina Antônia, batizada, em São Francisco do Sul (11), aos 27.8.1871. Além dessas, Rita teve, igualmente, os filhos Ana, ou Alzira, Virgílio e Manoel, agraciados por Jacinto José Lopes, o pai de Hermelino, com a desistência de sua parte na herança em prol desses netos (12).

Ricardo Alves (13), como já adiantado, era filho de Antônio José Alves e de Ma-

- (1) — Cf. W. F. PIAZZA, **Dicionário Político Catarinense**, p. 294, verbete de sua autoria, Florianópolis, 1985, Ed. da Assembléia Legislativa.
(2) — Arquivo judiciário de S. Francisco do Sul, inventário de Francisca Rosa de Paula, sendo inventariante o sobredito Hermelino.
(3) — Livro n. 8 de óbitos da Matriz de N. Sª. da Graça.
(4) — Inventário cit.
(5) — Cf. PIAZZA, **Dicionário cit.**, p. 194.
(6) — Arquivo judiciário cit.
(7) — PIAZZA, **id. ib.**
(8) — Inventário de Francisca Rosa de Paula cit.
(9) — Inventário de Francisca Rosa de Paula cit.
(10) — Livro n. 15 de batizados da Matriz de N. Sª. da Graça.
(11) — **Id. ib.**
(12) — Inventário cit.
(13) — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, **Genealogia Paranaense**, Vol. V, pp. 278 e ss., Curitiba, 1930, Imp. Paranaense, Tit. Alves.

nuela Isabel Salustiana, ou Manoela Garay Alves, provavelmente naturais de Antonina (PR), onde ele foi capitão-mor, neto paterno do Capitão-Mor de Antonina Manoel José Alves, nascido, em 1762, na freguesia de São Salvador da Fonte Nova, armador e carpinteiro da ribeira abastado, e de sua mulher Serafina Rodrigues Ferreira — esta filha do Cap. José Rodrigues Branco e de Joana Rodrigues Ferreira —, e neto materno de Bento Soares da Costa e de sua primeira mulher Maria Joaquina da Costa.

Hermelino Jorge de Linhares, por seu turno, foi casado com Maria Adelaide Martins Jaques, filha de Alexandre Martins Jaques e de Luiza Maria Joaquina, consoante o batismo do filho Antonino, em S. Francisco do Sul, aos 8.10.1871 (14), que teve por padrinhos o Dr. José Maria do Valle e Emilia Porfíria de Almeida, nascido aos 2.1.1871, e do filho Themístocles, batizado aos 23.4.1869, com 2 meses e 18 dias, que, de sua vez, teve por padrinho (15) Alexandre Martins Jaques, por procuração ao Tenente-Coronel Francisco da Costa Pereira e a invocação de N. S^a. das Dores.

Alexandre Martins Jaques era um dos 13 filhos de João Martins Jaques e de sua mulher Jacinta Rosa de Jesus (16), neto paterno de Manoel Jaques de Alenquer e de D. Catarina de São José Martins, naturais da Ilha Terceira, nos Açores, tendo sido casado com D. Luiza Maria de Sousa Lobo (17), com quem teve a filha D. Maria Carolina Jaques, terceira dentre 12 irmãos, casada, por sua vez, com

Cel. Henrique Carlos Boiteux, pai dos historiadores catarinenses: Almirante Henrique Boiteux, Desembargador José Artur Boiteux e Almirante Lucas Alexandre Boiteux, ilustre colaborador de Blumenau em Cadernos, de Blumenau (SC).

Manoel Jaques de Alenquer faleceu, na Cidade de Desterro, aos 28.9.1797, com cerca de 70 anos, onde foi casado, em primeiro matrimônio, com Catarina de São José, de quem houve oito filhos, e, em segundo leito, com Genoveva de Jesus, de quem não teve filho algum, sendo sepultado na Capela de São Francisco, dado como natural da Ilha Terceira e que "ignoram o nome dos pais" (18). Sabe-se, no entanto, que ele era filho de Amaro Homem e de sua mulher Maria da Conceição, então já finados, quando Manoel Jaques de Alenquer morava na Lagoa (19). Por outro lado, sabe-se que Catarina de São José, também natural da Ilha Terceira (20), era filha de Manoel Jorge e de sua mulher Esperança Luiza.

Sabe-se, outrossim, que o Capitão Ricardo José Alves e sua mulher Rita Baldoína do Carmo tiveram a filha Amélia, falecida em S. Francisco do Sul, aos 10.5.1868 (21), de diarreia, com três meses de idade.

Um Francisco Velloso de Linhares também morreu em S. Francisco do Sul, aos 26.4.1874 (22), de paralisia, com 60 anos de idade, casado com Firmina Maria da Graça, inventariante dos bens dele, em 1874 (23), quando declarou que ele morrera aos 19.3.1874 (?), foi casado com ela em primeiras núpcias, não dei-

(14) — Livro n. 17 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça, fl. 41 verso.

(15) — Livro n. 16 da Matriz cit., fl. 98.

(16) — Cf. HENRIQUE DA SILVA FONTES, **A Irmandade do Senhor dos Passos e o seu hospital, e aqueles que os fundaram**, Florianópolis, 1965, p. 357.

(17) — Cf. L. A. BOITEUX, **Os "França" de Laguna**, na revista Blumenau em Cadernos, Tomo XVI, p. 325.

(18) — 2^o. livro de óbitos da Matriz de N. S^a. do Desterro.

(19) — Cf. O. R. CABRAL, **Raízes Seculares de Santa Catarina**, Tipografia Andrade, Angra do Heroísmo, 1953, separata do 11^o. Volume do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 67.

(20) — Ob. cit., p. 121.

(21) — Livro n. 8 de óbitos da Matriz de N. S^a. da Graça.

(23) — Arquivo judiciário franciscuense.

(22) — Id. ib.

xou descendentes nem ascendentes, mas apenas um irmão que desistira da herança.

Seria esse irmão único o biografado Hermelino Jorge de Linhares? Cremos que não o fosse, mercê da diferença de idades. Além disso, um Francisco Velloso (24), casado, segundo filho de João da Luz Velloso, natural de Curitiba e casado, em 1749, em Sorocaba, com Josefa Vieira da Silva, morta em Itaquí-Campo Largo, em 1^o.10.1812 — filha de José da Costa Homem e de Josefa Leme da Silva —, era neto paterno de Francisca Velloso de Jesus, viúva de Francisco de Linhares, em passagem um tanto obscura do insigne linhagista paranaense, bisneto do Cel. Brás Domingues Velloso, natural de Curitiba onde morreu aos 30.5.1776, filho do Capitão Antônio da Costa Velloso, casado com Ana Maria da Silva e irmão de Francisco Velloso da Costa (25). O dito Francisco Velloso de Linhares foi, em 1867 (26), procurador dos herdeiros da finada Ana Maria da Conceição, casada que fora com Joaquim José Cardoso.

A mãe de Hermelino Jorge de Linhares, como se viu acima, tinha o nome de Francisca Rosa de Paula. Coevo de Hermelino Jorge de Linhares, em São Francisco do Sul, foi um rábula chamado Firmino Manoel de Paula, casado com Carolina de Miranda Henriques, de acordo com o batismo do filho João, aos 21.7.1855 (27). Dito Firmino Manoel de Paula, em 1870 (28), na qualidade de procurador dos herdeiros do Alferes João Afonso Moreira, que fora casado com Ana Andreza de Miranda Tavares, filha do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares (29),

foi incluído no Processo de Responsabilidade instaurado pela Comissão da Assembléia Provincial contra o Dr. Bráulio Rômulo Colônia, então Juiz de Direito de S. Francisco do Sul, ao cabo do qual resultou comprovada a fraude perpetrada por ambos, assim como do escrivão da época, mercê do fato de Firmino Manoel de Paula, proibido embora pela lei Vigente, haver comprado o escravo Thomas do espólio, por preço ínfimo, revendendo-o, a depois, ao juiz Bráulio Rômulo Colônia. Sem embargo de tal ato ilícito, vamos encontrar, posteriormente, o Dr. Bráulio Rômulo Colônia, natural da Bahia e bacharel em leis, como primeiro Juiz de Direito de Curitiba (30), em 1^o.2.1877, onde viveu e deixou várias filhas, casadas nas famílias Caetano da Silva, Ganz e outras. Foi seu filho, outrossim, o Marechal do Exército Elídio Colônia, que nasceu em Curitiba (SC) e morreu no Rio de Janeiro. Foram netos do Dr. Rômulo Bráulio Colônia o tabelião de Curitiba Juvenal Caetano da Silva, o ex-Coletor Arquias Ganz e o topógrafo e engenheiro da Prefeitura Juvenal Braulio Bacelar. Parece que a impunidade da magistratura fez escola em Santa Catarina.

A mulher de Firmino Manoel de Paula, Carolina de Miranda Henriques, era irmã de uma Guiomar de Miranda Henriques, madrinha em S. Francisco do Sul, aos 6.12.1868 (31), bem como do Padre Francisco de Paula de Miranda Henriques (32), vigário interino de São Francisco do Sul, entre 1823 e 1824, talvez de outro parentesco, mercê da diferença de datas. Uma Francisca de Miranda foi casada com Hy-

(24) — Cf. FRANCISCO NEGRÃO, *Genealogia cit.*, Vol. 3^o., pp. 609 a 611, Tít. Rodrigues de Franca, Curitiba, Imp. Paranaense, 1928.

(25) — *Ob. cit.*, Vol. 4^o., p. 207.

(26) — Arquivo judiciário de S. Francisco do Sul.

(27) — Livro n. 12 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

(28) — Arquivo forense de S. Francisco do Sul.

(29) — *Id. ib.*

(30) — Cf. ZÉLIA DE ANDRADE LEMOS, *Curitibanos na História do Contestado*, 2^a. ed., 1983, Imp. Frei Rogério Ltda., Curitiba, 1983, pp. 191-192.

(31) — Livro n. 15 de batismos da Matriz de N. S^a. da Graça.

pólito Wan der Heyden, da Colônia Belga de Ilhota (SC), com quem teve o filho Leôncio Hypólito Wander Heyden, casado, à sua vez, com Helena Wander Heyden, filha de Fernando Levenhagen (33), chegado com a embarcação "Emma & Louise" à Colônia D. Francisca, hoje Joinville (SC), onde foi fundador de Clube de Tiro e que, antes ou depois, instalou hotel e restaurante em S. Francisco do Sul, e de sua mulher Bertha Levenhagem, conforme batismo da neta Helena, aos 28 de janeiro de 1883 (34), tendo por padrinhos José Antônio de Oliveira e sua mulher Emília Julieta Nóbrega. Veja-se, outrossim, que um Capitão Antônio de Miranda Henriques (35) ingressou na Irmandade do Senhor dos Passos em 1781, que, no ano seguinte, tinha seu nome com antecedência ao do Cap. Tomás Francisco da Costa na ordem para promoção dos Oficiais das Ordenanças. Esse mesmo Cap. Antônio de Miranda Henriques, em 1786 (36), na freguesia das Necessidades, foi substituído, na Cavalaria Auxiliar, por Antônio Luiz Pereira, em virtude de passar a residir no Parati, hoje Araquari (SC). Dito Cap. Antônio de Miranda Henriques pertencia à família de Amaro de Miranda Coutinho, o velho, cristão novo (37), nas-

cido no Rio de Janeiro em 1675, filho do Licenciado Aires de Miranda Henriques (38) e de Ana Gomes Coutinha, esta natural do Rio de Janeiro, aquele de Cotegipe, na Bahia, neto paterno de Nuno Álvares de Miranda e de Leonor Rodrigues, também criãos-novos, e materno de Manoel Gomes Mourão e de Isabel Cardoso. O Cap. Amaro de Miranda Coutinho, o velho, foi casado com Ana de Barros, natural de Paranaguá (39), então Província de São Paulo, onde teve diversas sesmarias (40). Seu filho de mesmo nome, o Capitão Amaro de Miranda Coutinho Filho, que não usava o agnome (41), foi Comandante da 3ª. Cia. das Ordenanças de São Francisco do Sul, em 1789 (42). Amaro de Miranda Coutinho, o moço, seria irmão do Capitão Miguel de Miranda Coutinho (43), casado em Curitiba, em 1742, com Isabel da Silva de Jesus, filho do Cap. João Carvalho de Assunção e de Maria Bueno da Rocha, neta paterna do Cap. Manoel Picam de Carvalho e de Maria Leme da Silva, e materna do Cap. Antônio Bueno da Veiga, natural de S. Paulo, e de Isabel Fernandes da Rocha, com quem teve, dentre outros, o filho Sargento-Mor José de Miranda Coutinho, que, no posto de tenente, lutou na Co-

[32] — Cf. W. F. PIAZZA, *A Igreja em Santa Catarina, Notas para sua História*, Florianópolis, 1977, p. 257.

[33] — Cf. CARLOS FICKER, *História de Joinville, Subsídios para a Crônica da Colônia Dona Francisca*, 2ª. ed., Joinville, 1965, s. ed., pp. 120 e 167.

[34] — Livro n. 17 de batismos da Matriz de N. Sª. da Graça.

[35] — Cf. FONTES, *A Irmandade do Senhor dos Passos cit.*, pp. 186 e 345.

[36] — Cf. O. R. CABRAL, *As Defesas da Ilha de Santa Catarina no Brasil-Colônia*, 1972, Rio de Janeiro, D.I.N., p. 83.

[37] — Cf. C. G. RHEINGANTZ, *Primeiras Famílias do Rio de Janeiro*, 1967, Vol. II p. 605, Coleção "Vieira Fazenda", Rio de Janeiro, Ed. Brasileira.

[38] — Cf. EGON E FRIEDA WOLFF, *Dicionário Biográfico de Judaizantes e Judeus no Brasil*, Vol. I, 1986, Rio de Janeiro, pp. 51 e 89, s. ed.

[39] — Cf. L. G. DA SILVA LEME, *Genealogia Paulistana*, 1904, S. Paulo, Vol. 3ª., Título "Prados", p. 204, Ed. Duprat.

[40] — Cf. M. LOURDES RITTER, *As Sesmarias do Paraná no Século XVIII*, Ed. do I.H.G.E. do PR, Curitiba, 1980, pp. 224, 225, 199 e 162.

[41] — Cf. CARLOS DA COSTA PEREIRA, *História de São Francisco do Sul*, Florianópolis, 1984, p. 175.

[42] — Cf. O. R. CABRAL, *As defesas da Ilha de Santa Catarina cit.*, p. 96.

[43] — Cf. F. NEGRÃO, *Genealogia cit.*, pp., Vol. IV, p. 203.

lônia do Sacramento, aos 29.10.1762 (44), tendo deixado vasta descendência em São Francisco do Sul, dentre a qual se inclui o autor destas breves notas (45).

O Sargento-Mor José de Miranda Coutinho foi casado duas vezes, a primeira com Ana Fernandes da Silva, irmã do Capitão-Mor Francisco Fernandes Dias Sênior, e a segunda com Clara Maria de Jesus, filha de Salvador Correia de Lemos, natural de Paranaguá e finado em terras francisquenses, em 1798, e de sua mulher Maria Cardoso, francisquense, havendo descendência de ambos os casamentos: Maria Antônia de Miranda, Tenente José Antônio de Miranda e Isabel Antônia de Miranda, do primeiro leito, e Antônia Clara da Silva, Rita Clara de Miranda, Tenente Manoel de Miranda Coutinho e outros.

Por outro lado, não houve, afora as exceções referidas, nenhuma família de patronímico "Linhares" em S. Francisco do Sul, pelo menos de 1800 aos dias em que vamos, o que não ocorre na Ilha de Santa Catarina e nas circunjacências. Assim, por exemplo, em São Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu (SC), vamos encontrar Tomé da Rocha Linhares (46), capitão da 1ª. Cia do Terço de Ordenanças de lá, natural daquela freguesia onde nasceu aos 22.8.1775, filho de Joaquim da Rocha Linhares e de D. Maria Águida

de Jesus, onde foi Juiz de Paz, primeiro Presidente da Câmara Municipal e deputado à Assembléia Legislativa Provincial, como suplente convocado à 1ª. legislatura (1835-1837). Foi casado com D. Francisca de Chagas e deixou descendência. Na Ilha de Santa Catarina, outrossim, encontramos um Bento da Rocha Linhares, natural de São Jorge da Ilha Terceira (47), filho de Manoel Machado dos Santos e de Ana da Ressurreição, já falecidos em 1784, assim como um Domingos Martins Linhares, soldado do Regimento de Ilha em 1783 (48). Na então Capela de S. Miguel, vamos encontrar, aos 7.2.1795 (49), um Ignácio José Linhares, casado com Joaquina Rosa, ambos da freguesia de N. S^a. das Necessidades, que tiveram a filha Maria Ignácia, casada, em tal data, com Ignácio José de Simas, filho de Francisco da Silva e de Isabel de Santo Antônio. O sobredito Bento da Rocha Linhares foi casado com Antônia de Jesus (50), natural da Vila da Praia, na Ilha Terceira dos Açores, filha de João Pacheco Durnellez e de Ana Josefa, com que teve, dentre outros, a filha Domingas de Jesus, natural de S. Miguel, e a filha Tomásia Antônia de Jesus, casada com Antônio José Dias.

É duvidoso, portanto, que Hermelino Jorge de Linhares tenha nascido em São Francisco do Sul.

(44) — Cf. F. A. DE VARNHAGEN, *História Geral do Brasil*, Vol. 2, Tomo III e IV. Ed. EDUSP e Itataia, Belo Horizonte, 10ª. ed. integral, 1981, Notas da Seção XLIV, p. 223.

(45) — Cf. nosso estudo "O Último Capitão-Mor de São Francisco do Sul", na revista Blumenau em Cadernos, Tomo XXVII, dezembro de 1986, n. 12, p. 344 e ss.

(46) — V. Dicionário Político cit., p. 295, verbete de IS/ALCL.

(47) — Cf. CABRAL, Raízes cit., p. 84.

(48) — Id. ib.

(49) — 1º. livro de casamentos da Capela de S. Miguel.

(50) — Cf. IAPONAN SOARES, *História do Município de Biguaçu*, 1988, Florianópolis, Ed. da A.A.A.P. de SC, p. 24.

ENSINO PÚBLICO E PARTICULAR EM BLUMENAU

W. J. Wandall

4. Surgem grandes problemas financeiros

Devido crescerem assustadoramente as despesas com o Colégio Central de São Paulo, em «30 de março de 1879, as dificuldades surgidas com a manutenção do educandário fundado obrigaram ao Padre Jacobs a recorrer ao seu Augusto amigo, Dom Pedro II. a quem, em representação direta, pediu e obteve a subvenção anual de 1:000\$000, paga pelo Governo Provincial». O pedido feito ao Imperador pelo Padre Jacobs, do qual resultou na subvenção anteriormente citada, estava assim formulado:

«MEMORANDO.

Senhor:

O abaixo assinado, Pe. José Maria Jacobs, Vigário encarregado da Freguesia de São Paulo Apóstolo da Colônia de Blumenau, Província de Santa Catarina, vem humildemente representar a Vossa Magestade Imperial o seguinte:

O Suplicante fundou nesta Colônia, há mais de dois anos, e ainda atualmente mantém um Pensionato-Central para a instrução e educação dos filhos dos Colonos de ambos os sexos, em que os alunos recebem não somente instrução, sobretudo na língua nacional e na religião, mas também, ainda são sustentados pela módica diária de cento e vinte réis, paga pelos pais ou tutores. Quase todas as despesas e gastos com este estabelecimento e sua manutenção, desde sua fundação até hoje, cor-

rem por conta do Suplicante, tendo ele mandado construir para esse fim os edifícios apropriados, que lhe custaram cerca de Rs. 2:000\$000, além das camas, mobílias, livros e todo o mais material de ensino comprados por ele mesmo; três professores auxiliares, que com ele e debaixo de sua direção gratuita ensinam os alunos, eram e são pagos pelo Suplicante. O único auxílio que teve nesta empresa, era a pensão de 120 réis diários, que cada aluno devia pagar, mas, que apenas foi pago por metade dos mesmos por causa da absoluta indigência dos pais. Atualmente só três alunos pagam a dita exígua quantia. No mesmo Instituto se dá também instrução secundária (inclusive Francês, Inglês, Música, etc.) aos alunos mais ricos, que pagam de 80 a 150 mil réis anualmente, mas infelizmente tem muito poucos nesta classe.

O estabelecimento do Suplicante, até agora, cumpriu perfeitamente com o seu fim humanitário e já deu os mais satisfatórios resultados, menos quanto ao ponto pecuniário. Desde janeiro de 1877 até janeiro de 1878, contou 87, e desde então, até princípios de 1879, 107 alunos e atualmente 117. Como prova de que o progresso dos alunos em todas as matérias do ensino primário, e em algumas do secundário, é muito louvável, sirvam os atestados juntos do Vice Presidente atual; do Sr. Chefe de Polícia; do Sr. Dr. Antunes; do Diretor desta Colônia, Dr. H. Blumenau e do Inspetor das Escolas do

distrito, Dr. Frederico Mueller, podendo ainda ser invocado o testemunho do Dr. Vice Presidente desta Província, que na ocasião de uma visita à Colônia, no dia 24 de dezembro do ano próximo passado, assistiu aos exames dos alunos do Pensionato-Central e distribuiu os prêmios e atestados, proferindo nessa ocasião lisonjeiras palavras sobre o estado do estabelecimento.

Atualmente se acham 3 alunos e uma aluna desse Instituto nos Seminários da Corte, para se fazerem sacerdotes-professores e professores e em pouco, três mais entrarão nos mesmos Seminários com o mesmo fim. O Suplicante, como já disse, fez grandes sacrifícios com sua obra, tendo com ela dispendido não somente todos os meios pecuniários, que consigo trouxera da Alemanha, na importância de Rs. 4:500\$000, mas, também nela empregado todos os seus vencimentos de capelão, que recebe em virtude de Contrato com ele celebrado pelo Ministério da Agricultura da data de 28 de agosto de 1876 e que eram de Rs. 800\$000 anuais de gratificação e Rs. 360\$000 de cavalhadura e mais tarde a sua cônica e a gratificação de sessenta mil réis e também todos os direitos da estola. Infelizmente, porém, desde oito meses o Suplicante, apesar do aludido contrato, ficou por ordem superior, privado dos emolumentos respectivos, tendo a tesouraria da Fazenda desta Província declarado ao Diretor da Colônia, que desde o momento em que canonicamente fosse instalada a freguesia de São Paulo de Blumenau, ao Suplicante, como Vigário encarregado da mesma, unicamente competisse a cônica de Rs. 300\$000 anuais. Mas, até esta

exigua quantia até hoje lhe não foi paga).

Assim, o Suplicante, a quem seus meios próprios infeliz e finalmente se esgotaram, se acha ainda (mais) onerado com dívidas, que tem de considerar e respeitar como sagradas. E assim e se não vier auxílio de fora, o Suplicante, com profunda desolação sua e dos pais dos seus alunos, se vê na mais lamentável situação e na triste necessidade de fechar seu Pensionato-Central. Mas, a extinção deste estabelecimento faria de constituir, sem exagerar-se, um efetivo regresso e uma verdadeira desgraça para a Colônia Blumenau, e talvez para a Província, tendo o Instituto atualmente alunos também de Gaspar, de Itajaí, de Camboriú, de Desterro, de São Pedro d'Alcântara, etc., de Brusque, de Biguaçu, como se verá da seguinte exposição:

1) A grande disseminação e distância, em que se acham entre si as habitações dos colonos, para a grande massa torna impossível freqüentar a progenitura as escolas e principalmente receber a necessária instrução católica moral e religiosa, ensino, etc., que por causa da diferença das crenças dos colonos não se dá nas escolas coloniais. Só a reunião da juventude num Pensionato-Central, pode remediar estes males e produzir os efeitos salutareos que tanto se «anhelam», para a prosperidade geral do Estado e a educação da geração futura.

2) Sendo a população desta Colônia composta de nacionais, alemães, italianos, polacos e outros que pela maior parte quase exclusivamente falam sua própria língua, resulta daí grande confusão e muitos respeitos e fica necessário e muito para desejar, que todos os

habitantes estrangeiros aprendam o quanto antes o idioma do país. Dos velhos, pouco ou nada se pode esperar, mas nas crianças e jovens se devem concentrar todos os esforços. Se, porém, os meninos ficam constantemente na companhia dos seus pais, é evidente que a nova geração vai seguir o exemplo da língua dos progenitores, inconveniente geralmente reconhecido como não diminuto. Nem mesmo a frequência das escolas existentes nas diferentes partes da Colônia (o Suplicante fundou mais quatro escolas particulares, ainda existentes nos distritos mais distantes da Sede) é capaz de remediar este inconveniente, visto que os próprios professores, na sua maior parte estrangeiros e sem os conhecimentos profissionais, não entendem suficientemente o idioma nacional. Só um Pensionato-Central da organização como o Suplicante deu ao seu, e em que a língua vernácula constitua uma das principais matérias, se poderá alcançar o fim anhelado.

De todos estes fins e desejos, o Suplicante deveria, porém, por forças, desistir, se lhe faltasse d'ora em diante um muito módico mas indispensável auxílio pecuniário. Nesta deplorável e entristecedora situação, e tendo o Suplicante já esgotado ao extremo todos os demais meios e expedientes, que lhe restaram, não pode deixar de se animar, para salvar a ruína e «aniquilamento» seu esperançoso e útil estabelecimento de aproveitar-se do último e supremo recurso, que ainda lhes resta, suplicando humildemente a Vossa Majestade Imperial:

Haja por bem mandar auxiliar o Pensionato-Central de educação

e ensino da Colônia Blumenau, fundado e dirigido pelo Suplicante (com a subvenção de cem mil réis mensais), visto que os recursos do Suplicante para continuar a mantê-lo com os únicos recursos, com que pode contar desgraçada e totalmente se acham exaustos, a ponto que a não ser generosamente auxiliado pelo Governo Imperial (e na forma indicada) ele seria constrangido, ainda que com a mais profunda mágoa, a fechar este seu instituto, aliás tão útil para o bem geral e caro a ele, Suplicante, como um filho a seu pai.

E. R. M.

Blumenau, 30 de março de 1879.

(selado com 400 réis) (as.)
Pe. José Maria Jacobs».

Por solicitação do próprio Diretor da Colônia, Dr. Hermann Blumenau, o Governo da Província de Santa Catarina, pela Lei nº. 860, de 4 de fevereiro de 1880 eleva Blumenau à categoria de Município, cujo ato foi ratificado pelo Governo Imperial pelo Decreto nº. 7.630, de 20 de abril do mesmo ano. Mas, apesar de todo o regozijo a contagiar os blumenauenses, José Escalabrino Finardi informa-nos, ainda a respeito de outras reivindicações feitas pelo Padre José Maria Jacobs, em benefício de seu Colégio Central de São Paulo, quando menciona: «em 1880, quatro anos depois da instalação do Colégio São Paulo de Blumenau, Pe. José Maria Jacobs, seu fundador, a fim de atender ao crescente ritmo de novas matrículas, tratou de ampliar a construção inicial, anexando-lhe mais uma sala».

À FAMÍLIA WEHMUTH

por Nelson V. Pamplona

IX — BRUNO WEHMUTH E SEUS DESCENDENTES

(2ª. parte)

56. Ela Wehmuth nascida em 8 Jun. 1934, casou com José Teixeira que nasceu em 2 Jul. 1933.

Filhos:

I Airton Orivaldo Teixeira nascido em 8 Ago. 1959.

II Jair Gilberto Teixeira nascido em 14 Dez. 1961.

III Roseane Teixeira nascida em 14 Dez. 1961.

57. Claret Olimpio Beduschi nasceu em 28 Dez. 1920, Contador, casou com Celeste M. de Souza, nascida em 14 Out. 1919.

Filhos:

I Cleusa Beduschi.

II Claret Beduschi.

III Claudete Beduschi.

IV Cleia Beduschi.

V Cleomara Beduschi.

58. Amadeu Prada Beduschi, Médico, nasceu em 21 Abr. 1922 e desposou em 16 Out. 1951 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC Nercy Schier natural de Curitiba-PR.

Filhos:

I Iara Beduschi.

II Ana Beduschi.

III Augusto Manoel Beduschi.

IV Amadeu Beduschi.

V Nercy Beduschi.

59. Bruno Octaviano Beduschi nascido em 8 Fev. 1924, Contador, casou em 10 Mai 1947 na Igreja Imaculada Conceição-Itajaí-SC, com Maria Theresa B. de Souza, nascida em 11 Abr. 1927.

Filhos:

I Humberto Beduschi marido de Carin Schmitt.

II Roberto Beduschi casou com Solange Margarida.

III Bruno Beduschi marido de Eliane Müller.

IV Oswaldo Beduschi casou com Astrid Brach.

V Armando Beduschi é esposo de Marcia Cecconi.

VI Elpidio Beduschi.

VII Alexandre Beduschi.

VIII Regina Beduschi.



Bruno Wehmuth

60. Dario Erico Beduschi nascido em 1 Set. 1925, Contador, casou em 16 Out. 1959 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Lory Ballod, nascida em 30 Mar. 1929. Dario faleceu em 21 Out. 1986.

Filhos:

- I Doris Beduschi.
- II Beatriz Beduschi esposa de Newton Capella.
- III Dario Beduschi casou com Maria Luiza.
- IV Ricardo Beduschi é marido de Adriana Gamba.
- V Marco Beduschi.

61. Gilberto José Beduschi,industrialário, nasceu em 7 Dez. 1930, e em 27 Fev. 1954 contraiu matrimônio na Igreja São Pedro Apóstolo em Gaspar-SC com Dalva Dias, nascida em 18 Set. 1936.

Filhos:

- 155. I Neida Beduschi nasceu em 6 Ago. 1954.
- II Gilgilena Beduschi nasceu em 12 Out. 1955 em Gaspar-SC.
- 156. III Augusto Beduschi Neto nascido em 21 Mar. 1957.
- IV Gilberto Beduschi, Zootécnico, nasceu em 24 mar. 1962 em Gaspar-SC.

62. Valmor Beduschi, Dentista, nascido em 24 Ago. 1933, casou em 23 fevereiro 1957 na Igreja S. Paulo Apóstolo-Blumenau-SC com Maria José Carlos Negromonte, Zita para o carinho dos amigos. Maria José é filha de Oscar de Oliveira Negromonte e Lia Carlos Negromonte e nasceu em Pernambuco em 23 Dez. 1936.

Filhos:

- 157. I Valmor Beduschi Jr. nascido em 27 Nov. 1957.
- II Valmir Beduschi nascido em 17 Set. 1959 em Gaspar-SC.
- 158. III Valéria Negromonte Beduschi nascida em 30 Jul. 1963.
- IV Lia Negromonte Beduschi nascida em 12 Jan. 1967 em Gaspar-SC, casou em 6 Set. 1990 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Luiz Carlos Pabst, Lico para os amigos, natural de Indaial onde nasceu em 7 Jul. 1957.

63. Tereza Geni Beduschi, a Neninha na intimidade, nasceu em 18 Jan. 1935 e contraiu núpcias no dia 23 Jul. 1955 na Igreja São Pedro Apóstolo-Gaspar-SC com Tadeusz Zacharjasiewicz, nascido em 3 Set. 1921.

Filhos:

- I Elisabeth Zacharjasiewicz esposa de Arlindo P. Cracco.
- II George Zacharjasiewicz casado com Isabel Cristina Pelens.
- III Raquel Zacharjasiewicz casada com Silvio João Correa Jr.

64. Augusto Fernando Beduschi, Médico, nasceu em 27 Abr. 1941, conhecido entre os familiares por Finuco, contraiu núpcias em 5 Set. 1970 na Igreja São Francisco de Paula-Curitiba com Maria Luz de Castro, nascida em 5 Mar. 1946.

Filhos:

- I Carlos Augusto Beduschi conhecido por Cuco.
- II Paola Beduschi.
- III Graziela Beduschi.

65. Bruno Augusto Schramm, Contador com Escritório de Contabilidade estabelecido em Gaspar, nasceu em 8 Jun. 1931 na mesma cida-

de, onde também casou com Maria Regina Fontes, nascida em 22 Jan. 1929 em Gaspar-SC.

Filhos:

I Ricardo Schramm, especializado em projeto de móveis, nasceu em 4 Jul. 1957 em Gaspar-SC e casou com Marcia Mara Hentz.

II Isabel Schramm nascida em 16 Dez. 1955 em Gaspar-SC, é esposa de Ricardo José Behrendt.

III Marcelo Schramm nasceu em 10 Out. 1962 em Gaspar-SC, onde é Professor.

IV Rodrigo Schramm, Contador, nasceu em 11 Ago. 1964 em Gaspar-SC.

66. Nilton Julio Wehmuth nasceu em 30 Jun. 1932, casou com Ruth Bernhardt, nascida em 27 Mai. 1931, vindo a falecer em 26 Fev. 1983.

Filhos:

159. I Rosane Ruth Wehmuth nascida em 15 Fev. 1956.

160. II Karin Wehmuth nascida em 9 Mar. 1957.

III Lilian Wehmuth.

IV Ivana Wehmuth.

V Adriana Wehmuth esposa de Claudio Roberto Avila.

67. Ilka Wehmuth nasceu em 8 Jul. 1934 e casou em 27 Jun. 1964 na Igreja S. Paulo Apóstolo-Blumenau-SC com Argemiro Zemke que nasceu em 28 Jun. 1926.

Filhos:

I Giovana Zemke nascida em 1965.

II Lorena Zemke nascida em 1967 e casada com Amarildo Chaves.

III James Zemke nascido em 1970.

IV Samuel Zemke nascido em 1972.

68. Niebert Wehmuth nasceu em 23 Mar. 1937 em Gaspar-SC e desposou em 28 Out. 1961 na Igreja Evangélica Gaspar-SC, Celma Arnoldo natural de Major Gercino-SC, onde nasceu em 28 Out. 1939.

Filhos:

I Dorothea Wehmuth nascida em 9 Ago. 1963 em Gaspar-SC.

II Rubens Wehmuth nascido em 29 Dez. 1964, Gaspar-SC, marido de Jucilene Paixão Nascimento.

III Raquel Wehmuth nascida em 24 Mar. 1970 em Blumenau-SC.

IV Fernanda Wehmuth nasceu em 6 Mar. 1978 em Gaspar-SC.

69. Ursula Wehmuth nasceu em 6 Fev. 1940 e faleceu em 20 Ago. 1986, tendo casado com Frederico Kehm, nascido em 27 Fev. 1937.

Filhos:

I Martina Kehm nascida em 1967, é esposa de Luiz da Silva.

II Gladis Kehm nascida em 1972.

III Dieter Kehm nascido em 1974.

70. Humberto Wehmuth nasceu em 5 Mar. 1942 e faleceu em 29 Dez. 1988 tendo como esposa Melita Becker.

Filhos:

- I Jussara Wehmuth.
- II Juliana Wehmuth
- III Douglas Wehmuth.

71. Lodemar Irineu Wehmuth nasceu em 15 Dez. 1930 em Gaspar-SC, faleceu em 9 Dez. 1977, e casou em Fev. 1954 com Sofia Bernardes, nascida em 30 Abr. 1930 que possui restaurante na rua 7 de Setembro, próximo ao Hotel Glória, em Blumenau.

Filhos:

- I Marisa Wehmuth nascida em 30 Dez. 1955.
- II Nilza Wehmuth nascida em 27 Mai. 1957.
- III Marcos Wehmuth que faleceu com tenra idade.
- IV Sonia Wehmuth nascida em 20 Nov. 1960.
- V Rose Wehmuth nascida em 1 Ago. 1963.
- VI Solange Wehmuth nascida em 23 Jun. 1965.

72. Asta Wehmuth Risch nasceu em 13 Nov. 1931 em Brusque-SC, casando-se em 26 Mai 1956 na Igreja Nossa Senhora de Azambuja-Brusque, com Vergílio Fantini, Tecelão Cia. Büettner, nascido em 1 Out. 1934 na mesma cidade.

Filhos:

- I Tania Fantini nascida em 9 Fev. 1958 em Brusque-SC.
- II Fábio Fantini nascido em 7 Set. 1961 em Brusque-SC.

73. Guido Wehmuth Risch nasceu em 11 Ago. 1933 em Brusque-SC e desposou no dia 16 Jan. 1961 na Igreja Luterana Brusque-SC, Holdina Teste, nascida em 16 Mar. 1937 em Brusque-SC.

Filhos:

- I Marget Risch nascida em 8 Set. 1961 em Brusque-SC.
- II Marcos Risch nascido em 22 Out. 1963 em Brusque-SC.

74. Mario Luiz Doebeli, funcionário do Hospital Santa Isabel, nasceu em 8 Set. 1933 em Blumenau-SC e casou em 25 Ago. 1954 na Igreja S. Paulo Apóstolo-Blumenau-SC, com Asta Beckmann, que nasceu em 11 Nov. 1934 na mesma localidade.

Filhos:

- 161. I Vera Lúcia Doebeli nascida em 4 Mar. 1955.
- 162. II Luiz Francisco Doebeli nascido em 19 Fev. 1957.
- III Mirtes Terezinha Doebeli, Professora de Educação Física, nasceu em 5 Fev. 1959.
- 163. IV Jorge Elias Doebeli nascido em 28 Mai. 1962.
- V Marcos Antônio Doebeli nascido em 28 Jul. 1963 em Blumenau-SC.
- VI Mário Luiz Doebeli Jr. nascido em 23 Dez. 1964 em Blumenau-SC, onde é Professor de Educação Física.
- VII Hans Doebeli, Funcionário da Celesc, nasceu em 11 Ago. 1966 em Blumenau-SC.
- VIII Jerusa Sybilla Doebeli nascida em 4 Mar. 1971 em Blumenau-SC.

75. José Alfredo Doebeli, Militar do Exército Brasileiro, nascido em 15 Set. 1935 em Itajaí-SC, casou em 2 Mar. 1957 com Lourdes Klein, que nasceu no dia 3 Jun. 1942 em Blumenau-SC.

Filhos:

164. I Marise Doebeli nascida em 9 Out. 1961.

II José Luiz Doebeli nasceu em 7 Jun. 1964 em Blumenau-SC e casou em 24 Mar. 1990 com Andreia, nascida em 17 Mar. 1971.

III Mauricio Roberto Doebeli nascido em 5 Out. 1967, em Curitiba-PR, casou em 4 Jul 1992 com Cassia, que nasceu em 27 Dez. 1967 em Londrina-PR.

76. Afonso Paulo Doebeli nasceu em 2 Ago. 1938 em Itajaí-SC e casou no dia 10 Dez. 1965 em Frankental-Alemanha com Agnes Karola Schildwächter, natural de Fürstenau-Alemanha, onde nasceu em 21 Abr. 1941. Afonso serviu no Batalhão Suez, fez curso de especialização em refrigeração na Alemanha e trabalha na Refrigeração Artico em Blumenau.

Filhos:

I Claudia Doebeli nasceu em 15 Jun. 1967 em Frankenthal-Alemanha e casou em 16 Nov. 1992 em Dübendorf-Suissa com Peter Roth, nascido em 10 Nov. 1967 nesta última.

II Glauco Doebeli nascido em 22 Dez. 1968 em Blumenau-SC, casou no dia 8 Jun. 1991 em Florianópolis-SC com Glauce Siqueira, nascida em 31 Jan. 1972 nesta mesma cidade.

III Ricardo Doebeli nasceu em 10 Mai 1970 em Blumenau-SC.

IV Anete Patrícia Doebeli nascida em 21 Jan. 1978 em Blumenau-SC.

77. Elisabeth Herminia Doebeli nascida em 23 Mai 1940 em Itajaí-SC, é esposa de Pedro Rufino de Araujo, nascido em 20 Set. 1937, com quem casou em 14 Mai. 1966.

Filhos:

I Adriana Regina de Araujo nascida em 16 Fev. 1967.

II Patricia Sybilla de Araujo nascida em 6 Mar. 1976.

78. Ana Maria Doebeli, Funcionária da firma Resima em Blumenau, nasceu em 22 Set. 1943 na mesma cidade onde também casou em 21 Jun. 1967 com Saul Rebelo. Saul nasceu em 19 Jun. 1941 em Blumenau-SC e veio a falecer vítima de afogamento, um acidente ocorrido durante uma pescaria em 18 Mai. 1969 em sua cidade natal.

Filhos:

I Juliana Maria Rebelo nascida em 3 Jun. 1968.

79. Terezinha Iris Doebeli nasceu em 2 Ago. 1945 em Blumenau-SC, e casou no dia 24 Nov. 1972 com Reno Fischer, nascido em 21 Jan. 1950 na mesma cidade.

Filhos:

I Larissa Fischer nascida em 15 Mai. 1976.

II Gabriele Fischer nascida em 13 Abr. 1978.

III Rafaela Bianca Fischer nascida em 5 Mai. 1979.

80. Joanita Doebeli nasceu em 8 Fev. 1950 em Blumenau-SC, e em 6 Mar. 1971, celebrou suas núpcias com o Representante Comercial Osmar Peixoto dos Anjos, nascido em 26 Nov. 1951 em Blumenau-SC.

Filhos:

I Graziella Patrícia Doebeli dos Anjos nasceu em 6 Set. 1971 em Blumenau-SC.

II Alexandra Elisa Doebeli dos Anjos nascida em 22 Nov. 1976 em Blumenau-SC.

81. Bernadete Doebeli, Engenheira Civil, nasceu em 23 Dez. 1951 em Blumenau-SC. Bernadete é esposa do Procurador Geral da Prefeitura de Blumenau, João Carlos von Hohendorf, nascido em 26 Dez. 1948, com quem casou no dia 7 Jun. 1983.

Filhos:

I Gustavo Doebeli von Hohendorf nascido em 3 Ago. 1985.

Quarta Geração

82. Ruth Kamiensky nascida em 7 Ago. 1942 em Santa Cruz do Timbó-SC, casou com Silvestre Geviesky e reside em Irineópolis-SC.

Filhos:

I Sílvio Geviesky, irmão gêmeo de Célio.

II Célio Geviesky, irmão gêmeo de Sílvio.

III Marize Geviesky.

IV Osnildo Geviesky.

83. Nivaldo Kamiensky nasceu em 22 Jan. 1945 em Santa Cruz do Timbó-SC e casou em 23 Jul. 1967 na Igreja Luterana - Santa Cruz do Timbó-SC com Mersilda Henkel, nascida em 15 Jan. 1945. Nivaldo, comerciante, foi vereador pelo Município de Porto União, é também músico e Regente do Coral e reside na localidade de Barra Grande em Santa Cruz do Timbó.

Filhos:

165. I Eliane Gery Kamiensky nascida em 3 Mai 1967.

II Cláudia Gery Kamiensky nascida em 22 Jun. 1970 em Santa Cruz do Timbó-SC, onde é Funcionária Pública.

84. Claudio Kamiensky, é Diretor Administrativo da Prefeitura Municipal de Porto União-SC, onde também reside, nasceu em 4 Set. 1957 na mesma cidade, e casou com Maria Helena Orlandi.

Filhos:

I Mariane Kamiensky.

II Camila Kamiensky.

III Cláudio Kamiensky Jr.

85. Iolanda Kamiensky nasceu em 27 Mai. 1960 em Porto União-SC onde reside e casou com Nildo Hoepfner.

Filhos:

I Cristine Hoepfner, irmã gêmea de Cristiane, nasceu em 16 Jul. 1972 em Porto União-SC.

II Cristiane Hoepfner nascida em 16 Jul. 1972.

III Luciane Hoepfner nascida em 16 Out 1973 em Porto União-SC.

86. Pedro Otto Eggert, Empresário em Transportes, nasceu em 27 Jun. 1947 e casou em 7 Fev. 1970 com Irene Piekagievisk, nascida

em 26 Fev. 1946. Pedro Otto é irmão gêmeo de Paulo Ernesto.

Filhos:

- I Nilson Eggers nascido em 25 Set. 1973.
- II Sandro Eggers nascido em 17 Jul. 1976.
- III Juliano Eggers nascido em 19 Jun. 1983.

87. Paulo Ernesto Eggers, motorista, nasceu em 27 Jun. 1947 e casou em 4 Set. 1971 com Rose Piekagievisk, nascida em 25 Ago. 1954.

Filhos:

- I Tatiara Eggers nascida em 23 Set. 1976.
- II Kaciara Eggers nascida em 12 Fev. 1984.
- III Paulo Ernesto Eggers Jr. nascido em 13 Dez. 1981.

88. Luiz Carlos Eggers. Gerente Industrial, nasceu em 15 Dez. 1952, e casou em 4 Ago. 1971 com Josefa Seredninsky, nascida em 28 Out. 1955.

Filhos:

- I Cleide Eggers nascida em 15 Set. 1975.
- II Edimar Eggers nascido em 9 Ago. 1976.
- III Danival Eggers nascido em 1 Nov. 1977.
- IV Silmara Eggers nascida em 27 Jul. 1980.
- V Luiz Alberto Eggers nascido em 13 Fev. 1982.

89. Vera Lucia Eggers nascida em 27 Abr. 1954, é esposa do empresário José Valdir Manduca nascido em 18 Jan. 1952, com quem casou em 2 Dez. 1979.

Filhos:

- I Karla Eggers Manduca nascida em 10 Mai. 1980.
- II Karina Eggers Manduca nascida em 1 Nov. 1981.
- III Karoline Eggers Manduca nascida em 25 Mai. 1984.

90. Wilson Eloi Eggers, Técnico em Motores, nasceu em 4 Mar. 1957 e casou em 18 Out. 1981 com Marizete, nascida em 17 Mai. 1959.

Filhos:

- I Jonathan Eggers nascido em 26 Mar. 1981.
- II Elton Eggers nascido em 1 Mai. 1983.
- III Jeison Eggers nascido em 5 Dez. 1988.

91. Adalberto Adolar Eggers nascido em 20 Out. 1959, é Torneiro Mecânico e casou em 30 Jul. 1983 com Ione Vasco, nascida em 21 Mai. 1959.

Filhos:

- I Susan Eggers nascida em 4 Jun. 1984.
- II Jackson Eggers nascido em 7 Set. 1987.

92. Maria Beatriz Eggers, irmã gêmea de Neusa Maria, nasceu em 31 Mai. 1962 e casou em 12 Fev. 1982, com o Professor e Maestro Luiz Alberto Martins de Freitas, nascido em 31 Jan. 1965.

Filhos:

- I Maicon William Martins de Freitas nascido em 11 Nov. 1982.
- II Priscila Martins de Freitas nascida em 30 Dez. 1989.

93. Arnóido Rempell, reside em Curitiba-PR, onde casou com Terezinha.

Filhos:

- I Gilberto Rempell nascido em Curitiba-PR.

- II Gerson Rempell nascido em Curitiba-PR.
- III Daniele Rempell nascida em Curitiba-PR.
- IV Vanessa Rempell nascida em Curitiba-PR.

94. Ademar Rempell, industrial, nasceu em Curitiba-PR, e casou com Lúcia Stroparo, nascida na mesma cidade onde também o casou mora.

Filhos:

- I Carlos Frederico Rempell.
- II Luiz Henrique Rempell.
- III Fabiana Rempell.
- IV Francis Rempell.
- V Francine Rempell.

95. Renate Rempell que reside em Curitiba-PR.

Filhos:

- I Juliano Rempell.
- II Cristiano Rempell.

96. Waltraud Rempell casou com Nelson Grahl, que é Representante Comercial em Curitiba-PR da Manufatura de Brinquedos Estrela SA.

Filhos:

- I Priscila Grahl nascida em Curitiba-PR.
- II Walter Vinicius Grahl nascido em Curitiba-PR.
- III Magnus Alexandre Grahl nascido em Curitiba-PR.

A terceira parte da descendência de Bruno Wehmuth será publicada na próxima edição.

ACONTECEU...

ABRIL DE 1993

— O grupo diretor das Lojas Americanas iniciou a construção para a instalação de sua 83ª. loja no Shopping Neumarkt, localizado na rua 7 de Setembro, ao lado do Supermercado Pão de Açúcar. Segundo declarou o diretor Carlos Augusto Miranda, a loja estará entre as mais modernas do Brasil e será inaugurada em seis meses.

— DIA 2 — A imprensa (JSC) dá destaque a performance do menino Anthony Schaffer Athayde, filho de Sandra e Sálvio Athayde e que com cinco anos apenas deu seu primeiro salto de paraquedas e hoje, com sete anos, já é paraquedista experimentado. Seu pai é presidente da Federação Catarinense de Paraquedismo e sua mãe é presidente do Clube de Paraquedismo Vento Sul. Anthony é blumenauense e possui uma irmã, de nome Tathiana, de sete anos que também já realizou salto de paraquedas. *** O vereador Décio Nery de Lima, de Blumenau, líder do PT denunciou na Câmara que a empresa CAVO, que faz coleta de lixo em Blumenau, faz parte de um cartel de nível nacional e cujo contrato firmado é prejudicial aos interesses de Blumenau. *** Na sede do Corpo de Bombeiros de Blumenau foi realizada cerimônia de encerramento do curso de combate a incêndios florestais. Ao todo, 32 homens entre bombeiros, policiais militares e integrantes da Defesa Civil, receberam o certificado do estágio que foi iniciado dia 29 de março.

— DIA 3 — No Centro Espírita Amor, Esperança, Fé e Caridade, localizado à rua Indaial, foi realizada solenidade de lançamento do livro do homeopata Ricardo Di

Bernardi, de Florianópolis, intitulado "Gestão-sublime Intercâmbio". O livro do médico homeopata aborda com linguagem simples e compreensível, assuntos complexos, entre os quais a repercussão das emoções da gestante sobre a criança.

— DIA 4 — A imprensa (JSC) dá destaque a passagem dos cinquenta anos de fundação da tradicional CASA BUERGER que foi instalada em abril de 1943 à rua 15 de Novembro, em Blumenau. Foi instalada pelo saudoso cidadão Arno Buerger e hoje a continuidade desta importante empresa comercial está nas mãos de seu filho Arno Buerger Filho. Parabéns. *** No Teatro Carlos Gomes, realizou-se mais um concerto da série Eventos Culturais Itaú, às 19 horas, com repertório de compositores clássicos e românticos. O concerto teve a participação dos musicistas Maria de Lourdes Justi (violino), Adriane Savytzky (violoncelo) e Ulrike Graf (piano).

— DIA 5 — Blumenau passou a viver neste dia, o clima de Páscoa. A rua 15 amanheceu decorada e um desfile de estudantes com direito a companhia de coelhinhos, marcou o início da programação oficial com muitos atrativos. Até nos pavilhões da Proeb a manifestação pascal se fez presente, com muitos produtos hortigranjeiros mais baratos e a grande novidade da semana santa: a Feira do Peixe Vivo que, só no primeiro dia, comercializou mais de uma tonelada. *** A Fundação Municipal de Esportes doou 120 agasalhos completos para a APAE e a PROMENOR.

— DIA 6 — No auditório T, da FURB, o biógrafo e historiador Theobaldo Costa Jamundá, colaborador desta revista proferiu palestra versando sobre "A Importância da Academia de Letras no Contexto Político e Literário do Estado". Jamundá é presidente da Academia Catarinense de Letras. A palestra foi uma promoção do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Colegiado do Curso de Letras e Editora da FURB.

— DIA 7 — Na rua Tekla Georg, bairro de Itoupava Central, o prefeito Renato Vianna fez entrega, em concorrida solenidade, das chaves de seis residências construídas para as famílias que estavam alojadas no ginásio de esportes da E. B. M. Lúcio Esteves. As moradias foram construídas em tempo recorde e custaram cerca de Cr\$ 100 milhões de cruzeiros cada uma. A prefeitura doou os terrenos e pagou a mão-de-obra e todo o material de construção.

— DIA 10 — No pavilhão A da PROEB, realizou-se concorrido baile no estilo da Oktoberfest, intitulado "Ein Prosit, Blumenau". As danças foram animadas pelas bandas Cavalinho Branco e Badenblu.

— DIA 11 — Tendo por local a Prainha, o Palhaço Brasil e o Bandoneon fizeram uma apresentação especial ao público, especialmente para as crianças. "O Grande Circo em Céu Aberto", fez brincadeiras, diversas que encantaram a todos. A produção do espetáculo é do professor Antonio Leopolski e teve a participação dos atores Nelson de Souza, Margareth Froehlich, Itamar Bumanien e ainda os atores mirins Bárbara e Pedro Beduschi. *** O calçadão da rua 15 aconteceu neste dia, com a frequência de numeroso público. *** O geólogo da FURB, Juarez Aumond diz que o aterro sanitário de Salto do Norte poderá vir a contaminar a água subterrânea daquela região.

— DIA 13 — O prefeito Renato Vianna viajou para Brasília afim de participar do Seminário Nacional de Administração.

— DIA 14 — A Editora Abril apresentou, no Salão Heidelberg, hotel Himmelblau Palace, às 20 horas, o audiovisual Imagens da Moda. *** Foi aberta à visitação, no saguão da FURB, a exposição Expressão Gráfica Contemporânea. *** No Bude, foi apresentada a coleção de roupas masculina e feminina da Wuensch, com geral agrado. *** Foi inaugurado oficialmente o Banco de Olhos de Blumenau, que já

vinha atuando em caráter provisório há cerca de um ano. A presidência do órgão ficou a cargo de Rita Bubech.

— DIA 15 — Na Casa da Cultura — Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi lançada a coletânea "Blumenália Poética". *** No Teatro Carlos Gomes, apresentaram-se Sá e Guarabira, com o show "Vamos por Ai". *** No Teatro Oficina Porão da FURB, foi encenada a peça Macbeth. *** Ainda na FURB, apresentou interessante palestra o terapeuta holandês Sat Girish. *** Na Câmara de Vereadores deu entrada um projeto de lei que dá o nome de Ingo Wolfgang Hering a uma rua variante da BR-470, lado par, com 4.500 metros de extensão.

— DIA 16 — No Bar Kriado apresentou-se às 22 horas, Nega Tereza e seu Sax, com um aplaudido show de música popular brasileira. *** No Teatro da Febe, em Brusque, apresentou-se perante numeroso público, a Orquestra de Câmara de Blumenau. *** Durante uma operação "pente fino", no presídio regional de Blumenau, foi encontrado um túnel pelo qual 20 presos planejavam fugir. Faltavam apenas dois metros para ser atingido o objetivo. *** Com uma concorrida Cavalgada de Confraternização, pela rua 15 de Novembro foi aberta a 11ª Festa do Cavalo. *** Ao atingir seus primeiros cem dias de administração, o prefeito Renato Vianna fez à imprensa um balanço geral, destacando numerosas obras realizadas e em andamento e a obtenção de substanciosas verbas de origem federal para outros investimentos em favor do serviço público. *** O prefeito Vianna também encaminhou à Câmara de Vereadores projeto de lei estabelecendo as diretrizes do orçamento municipal de 1994. *** A Secretaria da Criança e do Adolescente lançou a campanha SOS Inverno pretendendo arrecadar agasalhos para cerca de duas mil pessoas carentes existentes no município.

— DIA 18 — No Teatro Carlos Gomes apresentou-se a Orquestra de Câmara, às 21 horas, com a participação especial do maestro gaúcho Cláudio Ribeiro.

— DIA 21 — O prefeito Renato Vianna e o Governador Vilson Kleinubing assinaram convênio no valor de um milhão de dólares para a pavimentação do corredor Norte-Sul que compreende o trecho entre a Ponte do Salto e a Fonte Luminosa, na entrada do Garcia.

— DIA 23 — Pela Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, foi iniciado em Blumenau um curso de Educação Infantil, dirigido a professores que trabalham com crianças de zero a seis anos de idade. *** O prefeito Renato Vianna declarou de utilidade pública o terreno da Comunidade Evangélica à rua 7 de Setembro, para fins de desapropriação e criação de área de lazer e cultura. A iniciativa está contida no decreto nº. 4.409. *** O SAMAE iniciou recadastramento dos usuários que querem ligação de água da rede no bairro Badenfurt.

— DIA 25 — Voltou a funcionar o Espaço de Lazer da PROEB, com diversas atrações para adultos e crianças.

— DIA 27 — Foi iniciado na sede do SENAC, na Ponta Aguda, um Curso de Decoração de Vitrines.

— DIA 28 — Estreou no Teatro Carlos Gomes a peça "Confissões de Adolescentes", com direção de Domingos de Oliveira e as jovens atrizes Carol Machado, Ingrid Guimarães, Maria Mariana e Patricia Perone. *** A primeira retirada de rins de doador cadáver em Blumenau, foi realizada por volta das 18 horas, pela equipe do Centro de Urologia do Hospital Santa Isabel.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering
Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Manfredo Bubeck — Hans Prayon —
Lorival Harry Hübner Saade — Frank Graf — Hans
Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Elke Hering
Diretor Administrativo-Financeiro — Walter Ostermann
Diretor de Cultura — Lygia Helena Roussenq Neves

HERING

T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.
Para todo mundo. Em todos os tempos.